



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MARIANNA CONCEIÇÃO SILVA GHISSONI

**DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: UM INSTRUMENTO AVALIATIVO
UTILIZADO NA ABORDAGEM REGGIO EMILIA NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

Salvador
2018

MARIANNA CONCEIÇÃO SILVA GHISSONI

**DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: UM INSTRUMENTO AVALIATIVO
UTILIZADO NA ABORDAGEM REGGIO EMILIA NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA) como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leila da Franca Soares.

Salvador
2018

**DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: UM INSTRUMENTO AVALIATIVO
UTILIZADO NA ABORDAGEM REGGIO EMILIA NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

MARIANNA CONCEIÇÃO SILVA GHISSONI

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade
Federal da Bahia.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Leila da Franca Soares– Orientador(a) _____

Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia – UFBA

Universidade Federal da Bahia

Prof.^a Dr.^a Cilene Nascimento Canda _____

Doutora em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia – UFBA

Universidade Federal da Bahia

Dr.^a. Letícia Chaves Monteiro _____

Mestra em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia – UFBA

Dedico este trabalho a minha mãe, por ser a melhor mãe que eu poderia ter, e às crianças que me fazem acreditar em uma educação para a liberdade.

AGRADECIMENTOS

A palavra gratidão este ano apareceu muito na minha vida com um significado sempre muito especial. Sou grata em primeiro lugar a Deus e a Nossa Senhora por me guiarem sempre.

A minha mãe, Janete, por ter me dado todo amor do mundo, agradeço por ter confiado que eu seria capaz de concluir esta etapa quando nem eu acreditei.

A minha vó Helena, por todo o apoio, e meu vô Brasil, por todo o amor.

A toda a minha família, por respeitar minhas ausências e dedicação a este trabalho, vocês são muitos e não daria para escrever todos os nomes.

A Leila e Leilane, por estarem sempre prontas para me ajudar.

A minhas tias Renata, Rose e Wilma e tio Eunápio, por serem exemplos de educadores.

A Prof^a Leila, por me orientar nesta jornada e me apresentar a abordagem que mudou minha visão sobre o que é educação. Prof^a Leila, você foi essencial para minha formação, muito obrigada.

A Neto, por ser meu irmão. A Alana e Bianca, por se manterem presentes, mesmo nas ausências. A Poliana, por me suportar por mil anos e a todos os amigos que o Colégio São José me deu.

A Caio, Raisal e Mayana, por estarem junto comigo desde o dia um nessa longa jornada que foi essa graduação. Eu não estaria aqui se não fosse o apoio de vocês nesse processo. Agradeço também a Ana Geórgia e Rafaela, por todo o apoio e incentivo.

À Casa que me acolheu de forma tão linda. A Letícia, por todo o suporte e pela oportunidade. A Cândida, por todos os ensinamentos. A Alba, por me ensinar que educação emociona e que tudo bem chorar, sou grata por você ser minha professora. A Julie, por ser parceira e por me incentivar sempre. A Cris que sempre esteve presente. A Marília, por sonhar e realizar uma utopia.

Às educadoras que compuseram a minha banca, Cilene Canda e Letícia Chaves, por terem aceitado contribuir com esta etapa da minha formação.

Às crianças que me mostraram ao longo deste ano que são super capazes de CRIAR qualquer coisa, de ATIVAR seus conhecimentos e que podem realizar qualquer AÇÃO.

Ao contrário, as cem existem

A criança
é feita de cem.
A criança tem cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
de maravilhar e de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir.
Cem mundos
para inventar
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(e depois cem cem cem)
mas roubam-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender em alegrias
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir um mundo que já existe
e de cem roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.
Dizem-lhe enfim:
que as cem não existem.
A criança diz:
ao contrário, as cem existem.

- LORIS MALAGUZZI

GHISSONI, Marianna Conceição Silva. **Documentação pedagógica: Um instrumento avaliativo utilizado na abordagem Reggio Emilia no primeiro ano do Ensino Fundamental.** 2018. TCC (monografia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RESUMO

A abordagem pedagógica elaborada pela cidade de Reggio Emilia, localizada ao norte da Itália, é referência mundial. Possui como idealizador Loris Malaguzzi, que defendia a criança como protagonista do seu processo de aprendizagem. Este trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma pesquisa científica de natureza qualitativa, sobre as documentações pedagógicas um dos aspectos da abordagem Reggio Emilia. A pesquisa buscou compreender como a documentação pedagógica pode ser um instrumento avaliativo utilizado na abordagem Reggio Emilia no primeiro ano do Ensino Fundamental para responder a essa pergunta foi realizada uma pesquisa bibliográfica, os seguintes autores Malaguzzi (2016), Rinaldi (2017), Edwards (2016), Gandini (2016), Forman (2016) para fundamentar teoricamente a história e pedagogia da cidade italiana e em Luckesi (1995), Hoffman (2015) entre outros para fundamentar os conceitos de avaliação. Além disso, foi desenvolvida uma pesquisa de campo numa escola localizada no município de Salvador-Bahia que se inspira na abordagem de Reggio Emilia. Onde foi realizada a observação turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, analisada as documentações produzidas referentes a essa turma e a entrevista com duas educadoras da escola além da coordenadora pedagógica. Após a descrição e análise dos dados em três categorias: a relação que as documentações estabelecem com as crianças, porque possibilita o protagonismo delas, com as famílias, pois viabiliza a sua participação no processo de aprendizagem das crianças, e com as educadoras porque elas tornam visíveis as construções de conhecimentos dessa forma foi possível concluir que o uso das documentações pedagógicas dentro da abordagem Reggio Emilia são instrumentos potentes para a avaliação no primeiro ano Ensino fundamental.

Palavras-Chave: Reggio Emilia. Documentação. Avaliação. Ensino Fundamental.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Documentação Pedagógica	46
Figura 2	Plano de Possibilidade	54
Quadro 1	Entrevista Coordenadora Pedagógica	59
Quadro 2	Entrevista Educadoras do Ensino Fundamental	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
MEC	Ministério da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. DESCOBRINDO REGGIO EMILIA	16
2.1 NASCE REGGIO EMILIA COMO REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO	17
2.2 A PEDAGOGIA DE REGGIO EMILIA	19
3 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	26
3.1 O QUE É A AVALIAÇÃO E COMO DEVE SER FEITA?	26
3.2 PARA QUE SERVE A AVALIAÇÃO E A QUEM SERVE?	28
4 DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA.....	31
4.1 OS CONCEITOS DE DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA ABORDAGEM REGGIO EMILIA.....	31
4.2 QUESTÕES SOBRE O DOCUMENTAR	33
4.3 A DOCUMENTAÇÃO E SUAS RELAÇÕES	35
5 METODOLOGIA ESCOLHIDA: A PESQUISA DE CAMPO	38
5.1 CONHECENDO A ESCOLA CASA DA INFÂNCIA	40
5.2 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E A IDENTIDADE DA ESCOLA	44
5.2.1 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL.....	47
5.3 O GRUPO IMAGINATIVO.....	48
5.4 AS DOCUMENTAÇÕES NA PRÁTICA.....	51
5.4.1 PLANOS DE POSSIBILIDADES.....	52
5.4.2 LIVRO DE MEMÓRIAS.....	57
5.5 ENTREVISTAS	59
6 INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DO VIVIDO	83
6.1 AS DOCUMENTAÇÕES E AS CRIANÇAS	84
6.2 AS DOCUMENTAÇÕES E AS FAMÍLIAS.....	85

6.3 AS DOCUMENTAÇÕES E AS EDUCADORAS.....	87
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE A	97
APÊNDICE B	98

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico foi elaborado com o propósito de aprimorar os conhecimentos a respeito da documentação pedagógica, prática utilizada e desenvolvida pelas municipais da cidade de Reggio Emilia – Itália.

A escolha dessa temática partiu da experiência vivenciada no decorrer do final do ano de 2017 e ao longo do ano de 2018, pois o meu estágio extracurricular foi realizado em uma escola particular de Salvador que se baseia nos ideais da pedagogia da escuta e na abordagem italiana. Ao conversar com meus amigos do tempo de escola sobre a instituição em que realizava o estágio e sua metodologia, surgem sempre questões sobre como as crianças constroem o conhecimento nessa escola que tanto se difere da forma tradicional de educação na qual fomos formados.

Em algumas conversas, as pessoas defendiam que estaria tudo bem as crianças aprenderem brincando, desde que fosse apenas na Educação Infantil, e que no Ensino Fundamental a metodologia deveria ser mais tradicional. Questionavam, também, como aconteciam as avaliações, já que as crianças não realizam provas. É importante ressaltar que algumas das pessoas que compartilham essa opinião são colegas que serão futuros educadores.

Para melhor compreender o contexto em que estava inserida enquanto educadora e para atuar da melhor forma possível junto às crianças, decidi me aprofundar nos estudos acerca da abordagem educativa de Reggio Emilia. Reggio Emilia é uma cidade italiana que se tornou referência mundial em educação para a primeira infância por promover uma pedagogia da escuta em que a criança é valorizada como protagonista no seu processo de construção de conhecimento.

Nos meus estudos e na prática dentro do estágio, conheci as documentações, que são reflexões dos educadores sobre as propostas realizadas pelas crianças. As documentações, normalmente, são fruto das pesquisas cujos temas norteadores partem das próprias crianças, temas que despertam a atenção das mesmas.

A documentação é uma oportunidade de compartilhar os conhecimentos das crianças e o que elas mostraram de potencialidade alcançada. A documentação também é um instrumento de avaliação. Reggio defende a pedagogia da escuta e a criança como protagonista desse processo, e isto acontece nas documentações porque ela é feita a partir das crianças, dos seus anseios e de suas descobertas.

Documentar é também interpretar e questionar o que a criança desenvolveu e o que o educador fez para isto e o que pode fazer a partir disto. A documentação torna visíveis os processos de aprendizagem.

Para um pleno desenvolvimento da criança é importante que aconteça construção de conhecimento. Para nós, enquanto educadores, é necessário saber se a construção está ocorrendo e de que forma. Para descobrir isto, os educadores realizam avaliações e o objetivo da avaliação deve ser o compromisso com a melhoria da aprendizagem da criança, identificando o que já foi alcançado e o que ela está próxima de alcançar. A avaliação deve servir para propiciar avanços na construção do conhecimento.

Na maioria das escolas, a avaliação é realizada de forma tradicional, com aplicação de exames em detrimento do foco no ensino-aprendizagem, do diagnóstico do aprendizado e da tomada de decisões que oportunizariam uma reorientação para que os alunos superem suas dificuldades. A prática avaliativa não pode e não deve ser entendida como um exame ou mero instrumento de controle de alunos em ambiente escolar.

É importante não perder de vista o caráter social e político da avaliação e da educação como um todo. A abordagem de Reggio defende os direitos das crianças de participação e de autonomia em sua formação. Assim, Reggio acredita na criança como pesquisadora e protagonista do seu processo educativo.

Esta pesquisa possui como objetivo compreender como a documentação pedagógica pode ser um instrumento de avaliação na abordagem Reggio Emilia no Ensino Fundamental. Para isso, foram identificadas concepções e práticas de educadores na abordagem de Reggio e analisadas diferentes visões de autores sobre os conceitos de documentação e avaliação e do papel da documentação no contexto educativo da abordagem.

Deste modo, foram realizadas leituras de textos assinados por autores fundamentais a respeito da abordagem de Reggio para compreender os princípios desta educação, como Malaguzzi (2016), Rinaldi (2016)(2017), Edwards (2016), Gandini (2016), Forman (2016) entre outros. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, na Escola Casa da Infância. Na escola, o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, primeiro e segundo anos, formam um único grupo que foi o estudado e analisado nesta pesquisa.

É importante comunicar que realizei na Escola Casa da Infância estágio extracurricular, no período vespertino. Sendo assim, as manhãs foram reservadas para que eu pudesse atuar e focar como pesquisadora.

Na pesquisa de campo, tive acesso às documentações já produzidas pela escola do Ensino Fundamental como, por exemplo, as documentações sobre as pesquisas do grupo, os planos de possibilidades e os livros de memória para estudo. Em seguida, realizei entrevistas com a coordenadora pedagógica e com cada uma das duas educadoras de referência do Ensino Fundamental. Utilizei como instrumentos para a pesquisa a observação e o estudo das documentações citadas acima, registros do cotidiano das crianças e questionários, através de entrevistas.

Esta monografia se divide em sete capítulos, sendo o presente o primeiro deles. O segundo capítulo, intitulado, Descobrimos Reggio Emilia, explica o surgimento da abordagem de Reggio Emilia, o seu contexto histórico, suas especificidades e apresenta o fundador da abordagem e sua teoria das Cem linguagens da criança.

O terceiro capítulo, intitulado, Avaliação da aprendizagem, a reflexão é feita com base nas questões sobre o que é, como deve ser realizada, para quem serve e a quem serve a avaliação. No quarto capítulo, intitulado, Documentação Pedagógica, apresenta conceitos do termo dentro da abordagem de Reggio Emilia, levanta questionamentos sobre o documentar e apresenta suas relações.

No quinto capítulo, Metodologia Escolhida: Pesquisa de campo, é o momento dedicado à compreensão sobre a metodologia utilizada e, conseqüentemente, a apresentação do campo. A respeito do campo, apresentamos os aspectos físicos da instituição, o projeto político pedagógico, as documentações produzidas e as entrevistas com as educadoras e a coordenadora. No sexto capítulo, intitulado, Interpretação e análise do vivido, foram analisados os resultados obtidos na pesquisa de campo, através das categorias: As documentações e as crianças, as documentações e as famílias e as documentações e os educadores.

Por último, concluo essa monografia com o sétimo capítulo, Considerações finais, onde evidencio e reflito sobre os meus pensamentos e inquietações a respeito das documentações pedagógicas enquanto avaliação. Além disso, há reflexões sobre como esta experiência impactou na minha formação.

Acredito que este tema é relevante porque promove discussões para além do tradicionalismo no Ensino Fundamental e aponta e revela novas maneiras de avaliar, além de incluir, verdadeiramente, a criança neste processo.

2. DESCOBRINDO REGGIO EMILIA

Quando falamos em educação, é possível pensar em inúmeras variáveis, seja a educação familiar, escolar ou os múltiplos modelos educacionais. Quando ouvi falar pela primeira vez sobre Reggio, não soube o que pensar, pois não conhecia a abordagem. A partir de então, pesquisando, descobri que existe uma proposta pedagógica que valoriza a infância! A abordagem de Reggio reconhece o potencial da criança para ser protagonista do seu processo de formação e defende uma escola democrática, em que as decisões são compartilhadas com os pais e com as crianças, sendo assim uma abordagem que me fez acreditar em uma nova educação.

Compreender a pedagogia de Reggio Emilia requer um pensamento novo, pois é uma ruptura com o que se considera educação tradicional brasileira, advinda dos jesuítas. É pensar a educação de forma holística, considerando todas as suas partes, suas relações e o todo. Por acreditar que os múltiplos ensinamentos que Reggio nos transmite se iniciam em sua história, devemos conhecê-la para compreender suas particularidades.

A cidade de Reggio Emilia, localizada no norte da Itália, passou a ser referência mundial em educação para a infância em 1991, após a publicação da Newsweek – revista norte americana – que classificava uma das escolas de Reggio Emilia entre as melhores do mundo. Atualmente, a cidade recebe grupos de estudo de diversos países para acompanhar o funcionamento e a organização das escolas.

A eficiência de Reggio e o grande número de grupos de estudos interessados em sua pedagogia acabaram por gerar a Reggio Children, organização com fins lucrativos que gerencia os networks, ou seja, organiza as redes de contato e a agenda de grupos de estudo em Reggio, além de ser responsável por produzir literatura a respeito da experiência de Reggio. A nível nacional, temos a RedSOLARE, cujo objetivo é difundir as práticas de Reggio através, dentre outras ações, de traduções dos livros sobre Reggio. Além disso, Brasil, México e Argentina são os membros fundadores da RedSOLARE latina.

Para melhor aprofundamento, o presente capítulo foi subdividido em dois tópicos. Deste modo, no primeiro tópico é apresentada uma breve história da cidade Reggio Emilia e sua experiência educativa sob influência do seu idealizador, Loris Malaguzzi, e no segundo tópico a discussão fica em torno da pedagogia de Reggio.

2.1 NASCE REGGIO EMILIA COMO REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO

A história da cidade Reggio Emilia como referência em Educação para a primeira infância começa no pós Segunda Guerra Mundial. Com a cidade em ruínas, alguns cidadãos decidem começar a reconstrução a partir de uma escola para a primeira infância. A verba para construção da mesma veio da venda de destroços da guerra como, por exemplo, um tanque. O educador em referência, quando nos referimos a Reggio, é Loris Malaguzzi, um jovem professor que participou do grupo responsável pela construção desta primeira escola, chamada de 25 Aprile (25 de abril).

Loris Malaguzzi (1920-1994) era italiano, natural de Correggio, cidade próxima a Reggio Emilia. De acordo com o site da Reggio Children, Malaguzzi foi formado em Pedagogia e iniciou sua carreira como professor em escolas primárias na década de 40. Na década de 50, concluiu sua graduação como psicólogo educacional e inaugurou o Centro Médico Psicopedagógico Municipal de Reggio Emilia. Em 60, ele começa a trabalhar na prefeitura de Reggio, na abertura de novas pré-escolas municipais. Essa rede de escolas passa a receber o “*Asili del Popolo*”, Escolas do Povo, que foram fundadas no pós guerra e que incluem as escolas administradas por pais. Essa rede foi dirigida por Malaguzzi durante muitos anos. Ele também foi assessor do Ministério da Educação, diretor dos periódicos *Zerosei* e *Bambini*. Em 1980, em Reggio Emilia, fundou o Grupo Nacional *Nidi infanzia*.

Malaguzzi (2016) acreditava que fazer parte dessa construção em comunidade seria incrível, o mesmo relata:

A história de nossa abordagem, e de meu papel nela, começa seis dias após o término da Segunda Guerra Mundial. Era primavera de 1945. O destino deve ter desejado que eu fosse parte de um evento extraordinário. Ouvi que em um pequeno vilarejo chamado Villa Cella, umas poucas milhas da cidade de Reggio Emilia, as pessoas haviam decidido construir e operar uma escola para crianças pequenas. Esta ideia pareceu-me incrível! Corri até lá em minha bicicleta e descobri que tudo aquilo era verdade.

Malaguzzi escolheu construir, junto com aquele grupo de cidadãos interessados em reconstruir sua cidade a partir de uma escola, uma abordagem própria e inovadora e desenvolver em comunidade o que seria reconhecido mundialmente como referência em pedagogia. Segundo Malaguzzi (2016), eles estavam rompendo com os padrões tradicionais. O mesmo revela também que ao

começar a trabalhar com esses pais corajosos, sentiu tanto entusiasmo quanto medo. Juntos eles decidiram que as atividades seriam desenvolvidas por projetos que verdadeiramente partissem das próprias crianças, em que os professores e as crianças seriam pesquisadores. A escuta teria papel primordial em todo o processo.

Malaguzzi foi mais que um grande pensador, pois não ficou somente na teoria. Ao estar vivendo o cotidiano das escolas, e de certa forma na política com o seu trabalho na prefeitura, ele podia repensar tanto a sua teoria quanto a sua prática. Por acreditar que as escolas deveriam ser formadas democraticamente com a participação de todos, havia muitas opiniões que produziam novos conhecimentos e, dessa forma, a abordagem pôde ser enriquecida.

De acordo com Marafon e Menezes (2017), Malaguzzi foi influenciado pelas teorias de Vygotsky, Piaget, Dewey e pelos ideais de Montessori. Ele defendia que a criança nasce com cem linguagens e que com o passar do tempo acabamos por minar noventa e nove delas. Sendo assim, o maior desafio da pedagogia de Reggio é manter as linguagens das crianças e apoiar os seus desenvolvimentos.

Malaguzzi escreveu um belo poema chamado As Cem Linguagens das Crianças, que é epígrafe, inclusive, deste trabalho, no qual destaca que a criança é composta de cem linguagens. Compreender o que são as cem linguagens é entender que cada criança é única e que possui diferentes linguagens. Com base nesta concepção de criança, as escolas de Reggio têm como objetivo oferecer suporte para que as crianças possam potencializar todas as suas possibilidades de linguagem. De acordo com Rinaldi (2017, p.340):

[...] as cem linguagens como um lago com muitas, muitas fontes nele desaguando. Acho que o número foi escolhido para ser bem provocador, a fim de reivindicar para todas essas linguagens não só a mesma dignidade, mas também o direito de expressão e de comunicação. Mas o que eu considero fascinante, e estou tentando desenvolver, é essa ideia de que a multiplicidade pode nos ajudar de novo a dialogar, através de um diálogo entre as diferentes linguagens. Isso representa interconexão, interdependência, e pode auxiliar cada linguagem a se tornar mais ciente da própria especificidade e dar suporte à conceituação e à dignidade das outras. Então, a título de exemplo, quando você desenha, dá sustentação não apenas à sua linguagem gráfica, mas também à sua linguagem verbal. Porque você aprofunda o conceito. E quando o conceito é aprofundado, as linguagens são enriquecidas.

Dessa forma, quando Reggio defende as cem linguagens, fica compreendido que está defendendo as possibilidades de aprendizagem das crianças por meio de suas múltiplas linguagens. Uma criança que consegue expressar o seu pensamento

e a sua criatividade de diversas formas tem uma potencialidade incrível, que deve ser valorizada. Esse é um fator que reafirma a importância da criança como protagonista da própria trajetória, pois, assim, ela pode decidir com qual linguagem ela se sente mais confortável para se expressar da melhor forma. Além do fato de que essa oferta das cem linguagens oferece a construção um amplo repertório para as crianças se apresentarem.

O seguinte tópico aborda a pedagogia realizada em Reggio Emilia e explica os aspectos que diferem da educação no cenário tradicional brasileiro.

2.2 A PEDAGOGIA DE REGGIO EMILIA

O importante em qualquer proposta de educação é como a criança é vista e o que se espera dela. Com foi dito no tópico anterior, na abordagem Reggio Emilia a criança é vista como detentora das suas cem linguagens, dessa forma, ela é inteligente, rica e capaz além, é claro, potente. Para Rinaldi (2016, p. 108):

Um ponto, entre muitos, parece-nos ser fundamental e básico: a imagem das crianças. O marco de nossa experiência, baseado na prática, teoria e pesquisas, é a imagem da criança como ricas, fortes e poderosas. A ênfase é colocada em vê-las como sujeitos únicos com direitos, em vez de simplesmente com necessidades. Elas têm potencial, plasticidade, desejo de crescer, curiosidade, capacidade de maravilharem-se e o desejo de relacionarem-se com outras pessoas e de comunicarem-se. Sua necessidade e direito de comunicar-se com outros emerge ao nascer e é um elemento essencial para a sobrevivência e identificação com a espécie. Isso provavelmente explica por que as crianças sentem-se dispostas a expressarem-se dentro do contexto de uma pluralidade de linguagens simbólicas, e também por que são muito abertas a intercâmbios e reciprocidade, como atos de amor. Elas não apenas desejam receber, mas também querem oferecer. Isso forma a base de sua capacidade de experienciar o crescimento autêntico, dependente dos elementos que listei bem como do conflito e do erro.

A criança em Reggio aprende de diversas formas, dentre elas, a partir de suas relações com os seus pares, sejam eles outras crianças ou os adultos da relação, os educadores. Essas relações chamam atenção pois, juntos, eles vivenciam diferentes experiências, sendo a criança protagonista de sua aprendizagem ela também é responsável por essa escolha de vivências que produzem reflexões para todos na relação.

Rinaldi (2016,p. 110) discorre sobre a criança e a ênfase da abordagem.

A ênfase de nossa abordagem educacional é colocada não tanto sobre a criança no sentido abstrato, mas sobre cada criança em relação a outras crianças, professores, pais, sua própria história e

circunstâncias sociais e culturais. Os relacionamentos, as comunicações e as interações mantêm nossa abordagem educacional em sua complexidade; são termos poderosos caracterizados por dois elementos importantes: ação e socialização em grupos. Nós os consideramos elementos estruturadores fundamentais para a construção da identidade de cada criança.

A abordagem preza pela individualidade da criança enquanto sujeito e também pela coletividade. Ao unir crianças de diferentes idades trabalhando com um mesmo objetivo elas estão se integrando. Reggio busca estimular nelas uma cooperação para que aconteça o compartilhamento de ideias, respeitando os diferentes ritmos e tempos para o desenvolvimento de cada criança.

A abordagem é inovadora desde a década de 60 e um dos motivos disso é a participação dos pais na escola. Talvez por terem participado da construção da primeira escola, eles realmente fazem parte dela. Os pais são presentes de um modo que estamos desacostumados a ver. Os pais têm liberdade para permanecer nos espaços, para participarem coletivamente do dia a dia escolar, como por exemplo, em reuniões com os educadores para debater as propostas pedagógicas, mostrando que família, educadores e crianças são uma comunidade.

Há em Reggio uma Junta de Conselheiros em cada escola, que administram as preocupações e propostas dos pais e organizam reuniões. Essa junta é composta por representantes eleitos, sendo eles pais, cidadãos, educadores. E alguns representantes de cada Junta participam do Conselho Municipal de Educação. Dessa forma, os pais podem participar, de fato, da escola, pois estão cientes das decisões que dizem respeito à escola, enquanto unidade, e das decisões municipais que afetam todas as escolas.

Outro ponto que se destaca nessa abordagem é a escuta da criança, para compreender os seus desejos, concepções, opiniões, questionamentos e dúvidas. A partir dos interesses e necessidades das crianças é escolhido e priorizado o que deve constar como proposta de atividade. Sendo assim, as atividades passam a ser reais e significativas para aquelas crianças. Desta forma, experimentar, refletir e investigar tornam-se atos prazerosos. De acordo com Rinaldi (2014, p. 83):

Escuta que não produz respostas, mas constrói perguntas. Escuta que é gerada pela dúvida, pela incerteza, que não é insegurança, mas, ao contrário, é segurança de que cada verdade é tal se contiver a consciência dos seus limites e de sua possível "falsificação". "Escutar" não é fácil: requer consciência e, ao mesmo tempo, uma suspensão dos nossos julgamentos, e, sobretudo, dos preconceitos. Requer disponibilidade para a mudança, requer que mostremos a nós mesmos o valor do desconhecido e que vençamos

o sentimento de vazio e precariedade que toma conta de nós cada vez que nossas certezas são colocadas em crise. Escuta que faz o sujeito sair do anonimato, que o legitima, que lhe dá visibilidade, enriquecendo quem escuta e quem produz a mensagem (e as crianças suportam pouco o anonimato).

A pedagogia da escuta está para além de somente ouvir, requer uma reflexão por parte dos educadores, no plural porque sempre são dois educadores nos grupos. A pluralidade vem também desta escuta que deve atender a todos, compartilhando as suas teorias e gerando conhecimento.

Para que as crianças possam explorar as suas “cem linguagens”, um ponto importante na abordagem de Reggio são os espaços, pois essas crianças devem explorar a gráfica, a construtividade, o corpo em movimento, além de realizar pesquisas. Dessa forma, as crianças trabalham para além das linguagens formais, as experiências são produtos das pesquisas delas. Os educadores devem estar atentos às individualidade e potencialidade de cada criança, percebendo quais linguagens ela utiliza para se expressar.

Reggio defende a liberdade das crianças, principalmente, nos espaços das escolas que são pensados para as crianças, com intencionalidade para que a estética contribua com o educar. O ambiente deve convidar a criança para experimentar, pesquisar e fazer novas descobertas. Nos espaços de referência de cada grupo, há as estações, espaços pensados pelos educadores e atelierista com foco em estimular as crianças. Reggio concebe o espaço como um terceiro educador.

Quando nos referimos à importância dos espaços em Reggio, devemos salientar a importância do ateliê, lugar que oferece às crianças inúmeras possibilidades de entrar em contato com suas linguagens. O ateliê é um diferencial, pois ele é rico em diversos tipos de materiais para que as crianças possam explorar a melhor forma de se expressar e construir sua aprendizagem de forma significativa. É nele que uma grande parte das pesquisas se desenvolve. Segundo Vecchi (2016, p.124):

O atelier serve a duas funções. Em primeiro lugar, ele oferece um local onde as crianças podem tornar-se mestres de todos os tipos de técnicas, tais como pintura, desenho e trabalhos com argila - todas as linguagens simbólicas. Em segundo lugar, ele ajuda que os professores compreendam como as crianças inventam veículos autônomos de liberdade expressiva, de liberdade cognitiva, de liberdade simbólica e vias de comunicação. O atelier tem um efeito importante, provocador e perturbador sobre ideias didáticas ultrapassadas.

Nas escolas de Reggio temos uma figura que é original dessa abordagem que é o *atelierista*. É um educador de Reggio, com formação profissional na área das artes que está para além de ser um professor de artes, comum nas nossas escolas. A arte é extremamente valorizada nessa abordagem, pois faz parte das múltiplas linguagens expressivas e é uma forma de construir pensamento, sentimento e aprendizagem. O atelierista auxilia no desenvolvimento do currículo, registra e documenta as atividades realizadas, além de incentivar a pesquisa e a experimentação, o ateliê é um espaço potente de pesquisa.

O atelierista e o ateliê são fundamentais para a identidade dessa abordagem, pois trazem riqueza para todos os processos criativos das crianças. O atelierista é o educador que mais estimula a criatividade das crianças. Vale salientar, inclusive, que a criatividade, dentro dessa abordagem, tem o seu papel muito bem definido. Segundo Malaguzzi (2016, p.81):

1. A criatividade não deveria ser considerada uma faculdade mental separada, mas uma característica de nosso modo de pensar, conhecer e fazer escolhas;
2. A criatividade parece emergir de múltiplas experiências, juntamente com um desenvolvimento estimulado de recursos pessoais, incluindo um senso de liberdade para aventurar-se além do conhecido;
3. A criatividade parece expressar-se por meio de processos cognitivos, afetivos e imaginativos, que se unem e apoiam as habilidades para prever e chegar a soluções inesperadas;
4. A situação mais favorável para a criatividade parece ser o intercâmbio interpessoal, com negociação de conflitos e comparações de ideias e ações sendo os elementos decisivos.
5. A criatividade parece encontrar seu poder quando os adultos estão menos vinculados a métodos prescritivos de ensino e se tornam, em vez disso, observadores e intérpretes de situações problemáticas;
6. A criatividade parece ser favorecida ou desfavorecida de acordo com as expectativas dos professores, das escolas, das famílias e das comunidades, bem como da sociedade em geral, conforme o modo como as crianças percebem essas expectativas;
7. A criatividade torna-se mais visível quando os adultos tentam ser mais atentos aos processos cognitivos das crianças do que os resultados que elas conquistam nos vários níveis do fazer e do entender.
8. Quanto mais os professores se convencem de que as atividades intelectuais e expressivas têm possibilidades tanto multiplicadoras como unificadoras, mais a criatividade favorece intercâmbios amigáveis com a imaginação e com a fantasia;
9. A criatividade exige a escola do saber encontre conexões com a escola da expressão, abrindo as portas (este é nosso slogan) para as cem linguagens das crianças.

Em Reggio, acontece de forma fluida a interdisciplinaridade, que já está normatizada, o que enfatiza o avanço das linguagens e competências. As crianças passam a compreender o todo e as partes, podendo ser de áreas de conhecimento

diferentes, o que pode gerar pesquisas e debates, favorecendo a coparticipação delas.

As crianças têm o direito de escolher entre algumas propostas de atividades que são pensadas em parceria com o educador, levando em consideração as metas de aprendizado das próprias crianças e das famílias. Quando as crianças escolhem o que fazer e a importância disso, o potencial que elas podem alcançar é imenso, pois elas se reconhecem como sujeitos com direito a escolha.

Os intercâmbios de vivências entre as crianças que realizam propostas diferentes acontecem nas assembleias. Normalmente, as crianças trabalham juntas em pequenos grupos e, ao final das atividades, compartilham com todo o grupo como foi realizada a proposta, o que elas consideraram como mais importante e as dificuldades que encontraram para realizar.

As assembleias, vale dizer, são lugares, também, onde as crianças escolhem a proposta que mais lhes interessa, e onde compartilham seus sentimentos a respeito do grupo ou de alguma situação que tenha causado algum tipo de desconforto ou alegria. Também são realizados os acordos de convivência. Há assembleias em que os pais são convidados a participarem e em que toda a comunidade, que faz parte da escola, participa.

Em Reggio, há alguns profissionais que não conhecemos na realidade escolar brasileira, como o atelierista e os pedagogistas. Os pedagogistas são profissionais formados em pedagogia e em psicologia. Filippini (2016, p.117) define brevemente esse profissional e afirma que:

A palavra Pedagogista não pode ser literalmente traduzida. Poderíamos pensar em “coordenador pedagógico” ou “conselheiro educacional”, mas nenhuma dessas palavras é exatamente correta. Uma outra razão pela qual é difícil explicar seu papel é que ele precisa ser entendido em termos da imagem da criança, do papel do professor, do local das famílias e da comunidade e de todas as premissas e princípios básicos descritos por Loris Malaguzzi.

Não há um único pedagogista por escola, ao todo são sete que trabalham em conjunto gerenciando a rede de escolas. Eles atuam junto ao diretor da rede, aos professores e aos pais. Também são responsáveis por organizar as formações dos professores e por lidar com a comunidade estrangeira que visita Reggio.

Outro aspecto importante de ser destacado é que o educador em Reggio tem o privilégio de trabalhar em dupla, tendo cada grupo dois educadores. Desta forma, promove-se a construção de competências e a troca de conhecimentos, que

possibilitam a circulação da informação e o relacionamento construtivo dentro da comunidade. Certamente, possibilita também o confronto de pontos de vista.

As crianças, as famílias e os educadores dentro dessa abordagem, além de protagonistas são pesquisadores. A criança é levada a buscar informações para gerar conhecimento. Vale ressaltar que conhecimento são várias informações colocadas em relação e que compreensão é acionar dados passados para resolver situações atuais.

Marília Dourado, representante da RedSOLARE Brasil e membro do Network da Reggio Children, em um curso realizado pela Esse Consultoria, em setembro de 2018, com o tema “Os processos de pesquisa das crianças e dos professores na Educação Infantil e na continuidade para o Ensino Fundamental”, afirma que se a gente, enquanto educador, não conhece a gente reduz e empobrece o processo, ou seja, se não nos tornamos pesquisadores junto com as crianças, não obteremos êxito, enquanto profissionais, pois estaremos empobrecendo a pesquisa da criança.

Acredito que esse seja mais um dos motivos do professor também ser pesquisador, já que não adianta investir para que a criança pesquise quando não há apoio por parte do educador. Dourado, ainda, afirma que a pesquisa deve partir do que é real e está relacionado com a tríade: relações, contexto e processos. Além disso, acrescenta que só se pesquisa o que for profundo e complexo.

Outro ponto particular dessa abordagem são as *progettazione*, que podem ser consideradas uma versão similar e oposta aos nossos planos de aula. De acordo com Rinaldi (2017), o verbo *progettare*, que dá origem a *progettazione*, é muito utilizado pela arquitetura e tem uma pluralidade de conceitos, como, por exemplo, inventar, projetar, elaborar, planejar. Dessa forma, as *progettazione*s se tornam mais fluidas do que os planos de aula. Os professores planejam possíveis propostas para realizar com as crianças, que devem ser debatidas com elas para torná-las parte ativa do processo.

Reggio modifica muitos aspectos do que seria o tradicional para caracterizar a sua abordagem. Segundo Hawkins (2016, p.15):

Reggio desafia com sucesso muitas falsas dicotomias – arte *versus* ciências, indivíduo *versus* comunidade, criança *versus* adulto, prazer *versus* estudo, família nuclear *versus* grande família. Ao alcançar uma harmonia única que engloba esses contrastes ela reconfigura os nossos esclerosados sistemas categóricos.

Reggio é uma referência mundial em educação para a infância baseada em cooperação, participação familiar, das crianças e educadores. A valorização da infância e o reconhecimento da criança como indivíduo potente se provou eficaz a ponto de esta educação ter se propagado pelo mundo. Já existem diversas escolas fora de Reggio que adotam essa pedagogia, inclusive há algumas no Brasil.

Acredito que diversos aspectos da pedagogia de Reggio são extremamente ricos e potentes. Porém, nesta pesquisa, a discussão se dá em torno de compreender de que forma a documentação na abordagem Reggio Emilia pode ser um instrumento de avaliação do Ensino Fundamental, para construir essa pesquisa foi necessário estudar sobre a avaliação. No seguinte capítulo é explorado o conceito de avaliação a partir de importantes teóricos.

3 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação está em todos os lugares e em todos os momentos do nosso cotidiano. Estamos constantemente avaliando ações, pessoas e objetivos, mesmo que sem uma intenção clara. Por exemplo, ao escolher uma roupa, avaliamos onde iremos usar, quem estará nesse ambiente, o clima. Ao assistirmos um filme, avaliamos os personagens, os atores, o enredo, a trilha sonora e mais uma infinidade de aspectos do mesmo.

A avaliação escolar é diferente das cotidianas porque ela é intencional e possui um foco. Para isso, o professor deve estabelecer critérios e socializá-los com os estudantes, baseados no currículo da escola.

Neste capítulo, abordaremos, por diferentes ângulos, a avaliação escolar, seus conceitos e objetivos. Para isso, foram feitas leituras de determinadas obras assinadas por autores significativos, como Luckesi (1995), Hoffman (2015), Villas Boas (2007) e Freitas e Fernandes (2007). Assim, os subtópicos a seguir apresentam discussões baseadas em algumas perguntas norteadoras: O que é avaliação e como deve ser feita? e Para que serve a avaliação e a quem serve?

3.1 O QUE É A AVALIAÇÃO E COMO DEVE SER FEITA?

A avaliação, segundo Luckesi (1995, p. 172), é um ato de amor, é uma forma de atribuir qualidade a um objeto ou aos resultados de um processo, retirando daí decisões consequentes para a ação posterior; no caso da avaliação, para a construção da própria aprendizagem. É possível, então, compreender que a avaliação é fundamental para determinar os passos seguintes dentro de uma construção de conhecimento. É compreender o que já foi construído e o que ainda não foi pensando, para assim construir avanços.

Hoffmann (2015) defende que avaliação deve ser a busca pelos melhores caminhos para a efetivação do ensino-aprendizagem, tendo como referencial um critério qualitativo e não quantitativo, como é comum atualmente. Hoffmann, também destaca a importância do processo diagnóstico na relação ensino-aprendizagem e se posiciona na defesa de uma educação transformadora e inclusiva, alicerçada no construtivismo.

Infelizmente, por vezes, a avaliação das crianças é realizada unicamente através de provas e atividades, a fim de atribuir nota para a aprendizagem. A

avaliação nesse caso passa a ser um exame com o objetivo de reprovar ou aprovar a criança, sendo assim classificatório, pois valoriza o quantitativo. Isso, em si, entra em confronto com as Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, que no artigo 24, inciso 5 afirma que a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

Dessa forma, devemos visualizar que a avaliação deve ser um processo que visa a qualidade da aprendizagem do estudante. De acordo com Villas Boas (2007, p.14), a avaliação deve promover o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno, do professor e da escola. Ao falar de avaliação para algumas pessoas, a única coisa que vem à mente é a do aluno, porém o trabalho do professor é avaliado junto com seu método de avaliação e isso nos informa mais sobre o professor do que sobre o aluno.

Villas Boas (2007, p.15) significa avaliação como:

A avaliação existe para que se conheça o que o aluno aprendeu e o que ele ainda não aprendeu para que se providenciem os meios para que ele aprenda o necessário para a continuidade dos estudos [...] Não se avalia para atribuir nota, conceito ou menção. Avalia-se para promover a aprendizagem do aluno. Enquanto o trabalho se desenvolve, a avaliação também é feita. Aprendizagem e avaliação andam de mãos dadas, pois a avaliação sempre ajuda a aprendizagem.

Há professores que se utilizam da avaliação como instrumento de controle, através de provas difíceis, conferindo para a avaliação um caráter classificatório, punitivo e excludente. A avaliação serve também para avaliar o trabalho pedagógico do professor, mas também de toda a comunidade. Se a maior parte da turma não consegue alcançar as metas traçadas, o professor deve rever a metodologia para que consiga proporcionar a aprendizagem de todos.

Freitas e Fernandes (2007, p. 17) defendem que avaliação é uma atividade que envolve a legitimidade, seja ela técnica ou política. Ou seja, o professor deve estabelecer e respeitar princípios e critérios que devem ser construídos coletivamente, com base no Projeto Político Pedagógico e no currículo da escola, além de sua compreensão do papel da avaliação. Além de afirmarem que o importante não é a forma, mas a prática de uma concepção de avaliação que privilegie a aprendizagem.

Villas Boas (2007) traz o ponto de vista de que a avaliação tem consequências e que pode influenciar a maneira como a criança é tratada na escola, o que repercutiria em toda a sua trajetória escolar e de vida. A avaliação é uma parte do processo pedagógico que deve estar incluída no Projeto Político Pedagógico das escolas, sendo assim, ela deve acontecer dentro dos métodos de aprendizagem adotados pela escola. Dessa forma, ela não é de responsabilidade apenas do professor e, sim, de toda a escola enquanto comunidade.

É de extrema importância compreender o caráter social e político da avaliação, assim como da educação como um todo, e que o ato de avaliar não deve, nem pode, ser entendido como um exame ou mero instrumento de controle, repressão e exclusão dos alunos no ambiente escolar.

Portanto, é de suma importância, que os educadores entendam que a principal meta da avaliação é fazer com que os alunos aprendam cada vez mais e melhor. Então, cabe ao docente entender que a prática pedagógica de avaliar é única em todo processo de ensino-aprendizagem e que parte da tomada de decisões em prol da formação integral do aluno.

A avaliação da aprendizagem deve ser realizada considerando a sua intencionalidade e a partir do conceito de avaliação e sua intencionalidade é necessário atentar-se para o conteúdo, forma e relações. A avaliação deve ser feita considerando a aprendizagem do aluno, assim, os critérios e indicadores devem se relacionar diretamente com os resultados que visam ser obtidos - pensando nos graus de domínio de competências, capacidades e/ou habilidades.

O seguinte subtópico tem como objetivo responder as funções da avaliação e a quem ela serve.

3.2 PARA QUE SERVE A AVALIAÇÃO E A QUEM SERVE?

Acreditamos que o objetivo maior da avaliação da aprendizagem deve ser o compromisso com a construção da aprendizagem do aluno, localizando os pontos que precisam de melhoria. Esse resultado pode ser alcançado de maneiras diferentes, mas a avaliação da aprendizagem serve, sem dúvida, para propiciar avanços em relação à produção de conhecimento por parte dos alunos.

Hoffmann (2016) defende a avaliação enquanto mediadora do aprendizado, ou seja, com atividades que orientam e avaliam o processo de construção do

conhecimento, e não somente no final do processo educativo. Sendo assim, a avaliação serve de fio condutor para orientar as práticas do professor e também para o aluno tomar consciência e superar as suas dificuldades. Hoffmann também defende o acompanhamento contínuo e pessoal de cada aluno, o qualitativo em sobreposição ao quantitativo.

A avaliação serve para localizar as dificuldades de cada criança no seu processo de aprendizagem, para que o educador possa ajudá-la a superá-las de forma eficiente. Portanto, para que o aluno tenha um desenvolvimento e aprendizado satisfatórios, é necessário que o professor o acolha e possibilite uma investigação mais eficaz e que, conseqüentemente, desenvolva medidas apropriadas à situação de cada educando.

Luckesi (2005, p. 85) defende que uma forma de avaliação da aprendizagem é ser diagnóstica e inclusiva. Diagnóstica significa ser pautada em instrumentos que permitam acompanhar e avaliar o processo histórico dos estudantes, para que assim possa ocorrer uma intervenção visando a melhoria da aprendizagem, e inclusiva porque viabiliza a autonomia dos alunos.

Luckesi (1995, p.25,26) também afirma que a avaliação implica acolher os educandos no estado de formação em que estejam para, então, poder auxiliá-los em sua trajetória de estudos e de vida. Ele afirma também que, se os professores focassem na aprendizagem dos alunos, o ensino seria de qualidade e não haveria necessidade de reprovação. Quando há reprovação, o ensino do professor é posto em dúvida, portanto, é necessário que ele faça uma reflexão acerca das suas práticas, dos seus instrumentos avaliativos e também dos recursos didáticos disponíveis, percebendo assim, onde está a deficiência, em que falhou, pois nem sempre o problema é do aluno.

A avaliação da aprendizagem serve como indicativo da necessidade de intervenção e de reorientação dos alunos. O ato de avaliar tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista uma intervenção para a melhoria dos resultados.

A partir do que estudamos, a avaliação da aprendizagem serve aos estudantes e aos professores, assim como à escola, à comunidade e aos pais. A avaliação serve para que os alunos conheçam os seus processos de aprendizagem e para que possam localizar suas dificuldades e superá-las e, aos professores, para

que estes possam avaliar a sua prática para melhor atender as demandas das crianças.

A avaliação deve se desenvolver em benefício do estudante, dessa forma, a avaliação serve ao aluno, pois é necessário que a avaliação o auxilie a aprender. O professor, mediador, é capaz de perceber na avaliação indicações do que deve repensar em sua prática pedagógica.

Segundo Freitas e Fernandes (2007, p.20), a avaliação serve ao professor para orientá-lo em relação ao futuro e os autores também apontam diferenças entre medir e avaliar.

A avaliação é uma atividade orientada para o futuro. Avalia-se para tentar manter ou melhorar nossa atuação futura. Essa é a base da distinção entre medir e avaliar. Medir refere-se ao presente e ao passado e visa obter informações a respeito do progresso efetuado pelos estudantes. Avaliar refere-se à reflexão sobre as informações obtidas com vistas a planejar o futuro.

Dessa forma, compreendemos que medir não é avaliar, mesmo que o medir esteja presente na avaliação. A prática avaliativa é vista como função diagnóstica, dialógica e transformadora da realidade escolar, por isto ela deve servir aos professores e alunos, assim como a toda uma comunidade escolar.

Outro ponto importante trazido por Freitas e Fernandes (2007, p.35) sobre a avaliação é que pouco falamos em autoavaliação e que esse movimento não faz parte da nossa cultura escolar. Mas se desejamos formar sujeitos autônomos, devemos inserir tal prática nos planejamentos e currículos.

Na prática, em sua maioria, a avaliação é realizada de forma tradicional como momento de verificação, com a realização de exames, em detrimento do foco no ensino-aprendizagem, do diagnóstico do aprendizado e da tomada de decisões que oportunizariam uma reorientação para que os alunos superem as suas dificuldades.

Depois de dito tudo isso sobre avaliação, o que se extrai em diálogo com a de Reggio é que a avaliação em Reggio, segundo Rinaldi (2017, p.135), é um processo que atribui valor para as experiências das crianças, no sentido filosófico, não quantitativo,. As crianças aprendem a partir de suas relações, Reggio valoriza essas relações e o que elas aprendem com elas. Buscando sempre os pontos positivos e os pontos que precisam ser melhorados, mas sempre atribuindo valor no sentido de reconhecer o que a criança já conquistou até aquele determinado momento.

O próximo capítulo explica a documentação sob o conceito que é utilizado em Reggio Emilia, os questionamentos sobre o documentar e expõe as suas relações.

4 DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Neste capítulo, vamos ampliar os conceitos acerca da documentação pedagógica, a partir de questionamentos e desafios encontrados para a construção da mesma, sob a referência da abordagem de Reggio Emilia.

Logo de início, faz-se importante ressaltar que a documentação pedagógica não é uma prática exclusiva de Reggio e a mesma a antecede. Porém, devido ao reconhecimento internacional da pedagogia de Reggio e o uso das documentações, o instrumento documentação foi amplamente difundido. Assim, a seguir, a reflexão sobre a documentação está de acordo com a pedagogia de Reggio.

4.1 OS CONCEITOS DE DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA ABORDAGEM REGGIO EMILIA.

Deve-se ressaltar que dentro da abordagem de Reggio Emilia, o educador é um pesquisador, assim como as crianças. Desse modo, a documentação, dentre seus inúmeros conceitos, é uma exposição de uma pesquisa. A documentação pedagógica dentro dessa abordagem, tem como um de seus objetivos fomentar a pesquisa. Ela é um instrumento que propicia ao educador observar e refletir o processo de construção de conhecimento da criança. É também uma ferramenta necessária para o desenvolvimento da prática pedagógica. Para isso, é necessário registrar as atividades, anotar as observações, fotografar, filmar, gravar áudios e, a partir disso, construir uma memória da experiência vivida. E essa memória construída não deve se limitar a isso, já que deve contemplar a interpretação dos educadores sobre o que foi vivido junto com as crianças.

Conceituar documentação, sem dúvida, se torna complexo, pois a mesma é muito fluida e, ao mesmo tempo, rica para se conceituar de uma única forma. Almeida e Marques (2011) o fazem da seguinte maneira:

Em linhas gerais, podemos conceituar documentação como sistematização do trabalho pedagógico, produção de memória sobre uma experiência, ação que implica a seleção e a organização de diferentes registros coletados durante o processo.

A documentação é parte do processo de ensino e aprendizagem, contudo, o foco está nos caminhos e não nos resultados, pois Reggio reconhece a criança como competente e se dispõe a investigar o porquê e como a criança realiza sua aprendizagem. O foco está nas motivações, nos desejos e, principalmente, nas

estratégias, nos instrumentos utilizados pelas crianças para encontrar o seu conhecimento.

Rinaldi (2014, p.152) reforça que a documentação deve tornar visível as experiências das crianças em relação aos seus pares e também aos educadores, visto que juntos eles vivem uma intensa interação que é fundamental para seu desenvolvimento, pois estimula o debate de ideias que gera novas informações e pontos de vistas. Nesse sentido, é possível afirmar que produzir documentações é:

O que, de fato vamos documentar – e portanto, fazer existir– é o sentido comovante da procura de significados que crianças e adultos estão vivendo juntos. Um sentido poético que uma linguagem poética, metafórica, analógica pode construir e restituir na sua inteireza holística.

A práxis da documentação está também na importância de escutar a criança, no seu potencial e competência. Rinaldi (2017, p.44) faz uma sucinta definição sobre a documentação ao afirmar que a documentação pedagógica é tornar visível o que foi construído pelo educador, além de deixar espaço para a interpretação e diálogo.

Rinaldi (2017, p. 185) compara a documentação a uma escuta visível, visto que dentro da abordagem reggiana a escuta é de extrema importância, pois a maior parte do trabalho do educador surge de uma escuta atenta com as crianças. Assim, essa escuta é uma sensibilidade e também uma disponibilidade para com a criança, o que permite estar atento aos anseios e também às curiosidades das crianças. A escuta é mais do que um simples ouvir. Rinaldi (2017, p. 185) ressalta a importância da escuta no processo de documentação:

Torna visível, ao menos em parte, a natureza dos processos e estratégias de aprendizagem utilizados pela criança. Isso significa que o professor e, acima de tudo, as próprias crianças podem refletir sobre a natureza do processo de aprendizagem enquanto tão aprendendo; isto é, estão construindo conhecimento. Não uma documentação de produtos, mas de processos, de trilhas mentais.

Tudo isso permite ler e interpretar, revisitar e avaliar no tempo e no espaço. Então, essa leitura, reflexão, avaliação e autoavaliação se tornam partes integrantes do processo de construção do saber da criança.

Escutar as crianças é ter um olhar sensível para compreender o que elas tentam nos dizer sobre seus conhecimentos, sentimentos e emoções, para além do superficial. É também perceber que nem sempre a criança vai se comunicar através da linguagem oral, afinal ela tem cem linguagens. Escutar é estar atento a todas essas formas de comunicação. Como a educação não pode ocorrer sem diálogo, porque é a partir dela que formamos conhecimentos, escutar as crianças é também

enriquecedor para o educador porque aprendemos com elas. As crianças possuem inúmeros conhecimentos que, nós adultos, já perdemos, ou ainda, não o possuímos.

É importante nesse processo encarar o que é dito pelas crianças com seriedade, valorizando suas ideias porque são o norte para as investigações do grupo que originam as documentações. Outro fato significativo sobre a escuta é o de promover a segurança para a criança de que ela será escutada e que pode se expressar sem julgamentos. Rinaldi (2017, p. 209) afirma que uma escuta que seja competente, ou seja, realmente esteja aberta para a criança, propicia mudança! Desse modo, documentar também é escutar.

A documentação é também um instrumento metodológico, pois está relacionado com a comunicação, com a *progettazione* e com a avaliação. É uma reflexão da pesquisa e da experiência com o foco no que foi vivido, necessitando de uma explicação dos caminhos escolhidos. Não apenas narrando acontecimentos, mas questionando e apontando os sentidos sobre as aprendizagens.

Produzir documentações levanta inúmeras questões como a metodologia a ser empregada na produção, o objetivo. O próximo tópico elucida alguns questionamentos sobre essa prática. Vejamos.

4.2 QUESTÕES SOBRE O DOCUMENTAR

O ato de produzir documentações levanta inúmeras questões relacionadas ao planejamento, começando pela escolha sobre o que documentar, como registrar e o porquê documentar. Não existe uma fórmula pronta para produzir documentações, o que torna um pouco complicado para quem está iniciando seus estudos respaldados nessa abordagem. Almeida e Marques (2012) afirmam que Parodi (2001) ajuda a estruturar o planejamento de uma documentação ao fazer a seguinte relação:

- 1) QUEM documenta: os professores individualmente ou em grupo, os órgãos colegiais, as comissões de trabalho, os próprios alunos.
- 2) O QUE se documenta: a atividade didática, administrativa e organizativa da escola; a programação das intervenções, as experiências realizadas, os resultados, as iniciativas mais originais, mas também o percurso formativo do aluno, a história do grupo.
- 3) ONDE se documenta, com quais instrumentos: o registro de classe, o diário do professor, o projeto, os planos de trabalho, o “diário de bordo”, os registros das reuniões, os audiovisuais, os arquivos eletrônicos, os murais e cartazes, as exposições, os álbuns fotográficos.
- 4) QUANDO se documenta: incessantemente, antes, durante e depois da realização de atividades, individualmente e em grupo, no horário de serviço, mas também fora do espaço institucional.

5) PORQUE se documenta: para conservar a memória do trabalho desenvolvido, para mostrá-lo aos outros, a pedido institucional, para adquirir consciência sobre as escolhas didáticas e educativas, para replanejar.

6) COMO se documenta: narrando as experiências, expondo os materiais, sintetizando os elementos essenciais, representando com esquemas, gráficos, tabelas.

7) PARA QUEM se documenta: para si mesmo, para os colegas, para órgãos externos, para a instituição, para as famílias e, no caso da documentação produzida pelas crianças, para os colegas de classe, da escola ou de outra instituição, para si mesmas e para os pais.

Não existe um método ou regra para produzir uma documentação, mas compreender como é feita, suas bases e o seu propósito nos ajuda nesse processo de construção. A documentação tem como um dos principais objetivos tornar visível as falas, as ações, os processos de aprendizagem das crianças. Interpretado pelo educador e, muitas vezes, pelas próprias crianças. As crianças compõem muitos registros cheios de potência, que nos permitem analisar suas experiências. Ao documentar essas experiências estamos validando elas, sendo assim, a criança é construtora, junto ao professor, da sua trajetória.

A criança ao ajudar a produzir a documentação está realizando um processo de metacognição, ou seja, as crianças estão conscientes sobre os seus conhecimentos e sua capacidade de compreensão, reconstruindo o pensamento ao visitar uma experiência que já foi vivida. É importante também, nesse processo, respeitar o tempo de pausa da criança e do educador, para que possa haver a reflexão e a descoberta de novas estratégias. A pausa é um importante momento de hiato para que os envolvidos no processo possam ter novas vivências que, posteriormente, ajudem a repensar a experiência vivida.

A abordagem de Reggio valoriza que a criança seja protagonista do seu aprendizado, com a sua curiosidade ela descobre o mundo com diferentes explorações. A documentação transmite a concepção das crianças e sua identidade.

Devemos documentar para refletir sobre a criança e os seus avanços, também os retrocessos e suas pausas. É importante que a documentação seja sempre revisitada, respeitando o tempo de pausa do educador e das crianças, para que aconteça uma retroalimentação do construído.

A documentação por não ser estática se torna o centro de inúmeras relações. Desta forma, o seguinte tópico busca explicar as relações que a documentação produz com os seus interlocutores.

4.3 A DOCUMENTAÇÃO E SUAS RELAÇÕES

A documentação é pulsante na abordagem de Reggio Emilia, pois se relaciona com todo o fazer pedagógico. Serve ao educador para ele revistar, questionar, avaliar, refletir sobre a sua atuação. Está relacionada aos espaços e à comunicação com os familiares e a comunidade que visita as escolas.

Outro aspecto fundamental de Reggio é como o espaço é entendido, ele é um terceiro educador. É projetado visando as relações, porque a aprendizagem ocorre para além das salas, pois o aprender não ocorre, exclusivamente, neste local. Visando uma educação ampla, todo o espaço da escola é projetado para ser explorado, para instigar a pesquisa. De acordo com Malaguzzi (2016), as paredes de Reggio falam e documentam.

As escolas com a abordagem em Reggio deixam as documentações expostas nas paredes com o objetivo de gerar conhecimento, na forma de debate, questionamento, levantamento de dúvidas. Com as documentações expostas os familiares e educadores que participam e visitam essas escolas podem questionar o que está exposto, enriquecendo a experiência do educador e a própria documentação. Além de que, quando a criança “se vê naquela parede”, ela percebe a importância que tem e rememora seus feitos e reflete sobre eles. Sobre a documentação nessa abordagem, Rinaldi (2014 p.151) afirma:

Refiro-me à documentação, assim como nós a elaboramos na experiência reggiana: não como documentos arquivados, não como “painéis” pendurados nas paredes ou como série de belas fotografias, mas como traço visual, como procedimento que apoia o aprender e o ensino, tornando-os recíprocos, porque são visíveis e compartilháveis. Creio que isso tenha sido, e poderia ser mais no futuro, uma importante contribuição da experiência reggiana para a pedagogia nacional e internacional. (RINALDI,2014 p.151)

Sendo assim, Rinaldi afirma que a documentação nos espaços se relaciona com o espaço como educador, pois a criança e o educador se vêem nas paredes e rememora as suas experiências e estratégias. A partir disso, espera que haja uma reflexão sobre a experiência para que a documentação cumpra seu papel.

Outro fator relacionado à exposição da documentação é a sua função como comunicação. Expor a documentação é torná-la visível a todos que habitam esses espaços, incluir as famílias é mais uma forma de torná-los cientes das explorações das crianças. Os familiares, ao terem acesso às documentações, podem levantar

questionamentos junto aos educadores, criando debates com diferentes pontos de vista. A relação que a documentação estabelece com as famílias é de informar e conceder detalhes sobre o trabalho pedagógico. Vale dizer que a documentação exposta também comunica a identidade da escola.

Outra relação importante que a documentação estabelece é com o educador, pois a mesma se relaciona com a *progettazione*, a pesquisa e a sua formação. A relação do planejar com a documentação é, de certa maneira, de interdependência, pois é complexo documentar sem planejamento e planejar sem documentações prévias. De acordo com Rinaldi (2014, p.112):

[...] planejar envolve essencialmente a formulação de hipóteses e a previsão de contextos, instrumentos, oportunidades e relevância dos processos de aprendizagem e dos desejos das crianças, a documentação passa a ser o coração, a especificidade de cada projeto próprio. Para nós, nem sempre é possível documentar dessa forma tão abrangente, mas, quando conseguimos, a documentação se converte num processo de verdadeira criatividade e de crescimento para todos os envolvidos. É o autêntico processo de formação profissional do educador.

No processo de uma documentação, o educador se questiona sobre a construção da pesquisa de muitas maneiras, sobre suas ações e sobre a sua intencionalidade pedagógica com a pesquisa. Essas reflexões trazem mudanças, diálogos que enriquecem o seu processo de formação. A documentação é um processo da pesquisa, através do qual o educador pode formular as suas perguntas a respeito do que está sendo construído, definindo o sentido e a profundidade. Para o educador, a documentação é uma possibilidade de reflexão sobre a sua atuação. Rinaldi (2017, p.45) ressalta a relação entre o professor e a documentação:

Permite a conexão entre teoria e prática, no trabalho do dia a dia. É um meio para o desenvolvimento profissional do educador, ao qual Reggio atribui grande importância, em especial pelo fato de o professor ser entendido e tratado tanto como pesquisador quanto como aprendiz.

A documentação necessita de confronto para desenvolver novos pensamentos e didáticas. Ao dispor de dois educadores por turma, além do atelierista que também pode participar dessa construção, Reggio fomenta o debate de pontos de vista que podem vir a ser divergentes ou complementares, o que é enriquecedor tanto para a documentação quanto para os profissionais que participam desse momento que acaba por se tornar formativo.

A documentação tem como objetivo, ser um elemento que propicie a melhoria do trabalho realizado pela instituição, sendo assim, para o educador a documentação é um instrumento de avaliação do seu processo e das crianças.

Deve ficar claro que a bibliografia de Reggio estudada valoriza a coparticipação, a cumplicidade e a unidade entre todos que fazem parte do contexto escolar. Desse modo, Reggio concebe a avaliação como valorização do que foi produzido. Rinaldi (2017, p. 136) nos explica:

Creio que aqui está a gênese da avaliação, porque ela permite tornar explícitos, visíveis e partilháveis os elementos de valor (indicadores) aplicados na produção da documentação por quem documenta. A avaliação é parte intrínseca da documentação e, portanto, de toda a abordagem daquilo que denominamos *progettazione*.

Reggio se preocupa com o aprendizado formal da criança, porém vai além de se limitar, enquanto escola, a isso. A criança quando participa da documentação produz uma autoavaliação do seu processo, que gera metacognição. Ao revisar uma documentação, ela pode observar o avanço do seu pensamento.

Para melhor compreender a documentação, o seguinte capítulo evidencia a metodologia e o campo dessa pesquisa, uma escola particular de Salvador- BA que adotou a abordagem de Reggio, onde foi possível ver, na prática, a avaliação de acordo com os princípios de Reggio Emilia.

5 METODOLOGIA ESCOLHIDA: A PESQUISA DE CAMPO

Este capítulo é dedicado à metodologia escolhida para a pesquisa. Para explicar a metodologia adotada nessa monografia é preciso, primeiro, compreender o que é uma pesquisa. Para isso, os autores estudados foram Gil (2007) e Gerhardt e Silveira (2009). De acordo com Gil (2007, p.17), pesquisa científica é conceituada como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Desta forma, esta monografia se caracteriza como pesquisa científica por possuir como objetivo responder a um problema que é compreender como a documentação pedagógica pode ser um instrumento de avaliação potente dentro da abordagem de Reggio Emilia para o primeiro ano do Ensino Fundamental. A escolha está também fundamentada nas cinco características da investigação sob o referencial da pesquisa qualitativa, que são apresentadas por Bogdan e Biklen (1994, p.47-50):

1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; 2. A investigação qualitativa é descritiva; 3. Os investigadores qualitativos estão mais interessados pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; 4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; e 5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa

Enquanto pesquisa, essa monografia adotou a abordagem qualitativa para alcançar seus objetivos. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), a pesquisa qualitativa busca compreender questões que não podem ser quantificadas, concentrando-se no entendimento das relações da sociedade.

As principais características da pesquisa qualitativa segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) são:

[...] objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Dessa maneira, essa pesquisa busca alcançar os seus objetivos analisando os seus elementos de estudo dentro de determinada circunstância educacional. Para desenvolver essa pesquisa, foi necessário realizar uma pesquisa de campo para compreender, na prática, os elementos estudados. Desse modo, entendi ser importante a observação, a análise e a interpretação do objeto desse estudo.

A pesquisa de campo possibilitou analisar os comportamentos que desejo observar dentro do seu contexto. De acordo com Gil (2007, p.56) as principais vantagens deste tipo de pesquisa são:

- a) Conhecimento direto da realidade. À medida que as próprias pessoas informam acerca de seu comportamento, crenças e opiniões, a investigação torna-se mais livre de interpretações calcadas no subjetivismo dos pesquisadores.
- b) Economia e rapidez. Desde que se tenha uma equipe de entrevistadores, codificadores e tabuladores devidamente treinados, torna-se possível a obtenção de grande quantidade de dados em curto espaço de tempo. Por outro lado, quando os dados são obtidos mediante questionários, os custos tornam-se relativamente baixos.
- c) Quantificação. Os dados obtidos mediante levantamentos podem ser agrupados em tabelas, possibilitando a sua análise estatística. As variáveis em estudo podem ser codificadas, permitindo o uso de correlações e outros procedimentos estatísticos. À medida que os levantamentos se valem de amostras probabilísticas, torna-se possível até mesmo conhecer a margem de erro dos resultados obtidos.

Dessa forma, a partir dessas características busco descrever e analisar com exatidão o que foi observando na pesquisa.

Rinaldi (2017, p.222) afirma sobre tornar global o que era local, sendo assim, foi possível extrair dados e informações em Salvador de uma escola que atua sob a referência da abordagem de Reggio Emilia e que utiliza documentações como instrumento de avaliação.

A escola escolhida para esta pesquisa adotou a abordagem de Reggio Emilia como inspiração educacional, mantendo estreita relação com a RedSOLARE Brasil. Reggio Emilia começou há pouco tempo a estender sua pedagogia para o Ensino Fundamental no Centro Internacional Loris Mallaguzi, sendo assim a literatura sobre o tema é limitada.

A escola, por possuir essa relação de proximidade com a abordagem, também estendeu sua abordagem para o Ensino Fundamental. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é compreender como a documentação pedagógica pode ser um instrumento de avaliação no Ensino Fundamental.

Para realizar essa pesquisa, os espaços e o cotidiano da Escola Casa da Infância foram observados, as documentações do grupo do primeiro ano do Ensino Fundamental foram analisadas como os Planos de Possibilidades e os livros de memórias e as documentações sobre as escolas, o Sertão e os almoços. Também foi realizada uma entrevista com duas educadoras da escola, Branca e Verde, além da coordenadora, vermelha. A pesquisa foi realizada ao longo do mês de outubro e início de novembro de 2018, no período matutino. Durante a pesquisa foram realizadas observações no grupo Imaginativo, grupo referente ao primeiro ciclo do Ensino Fundamental, que possui 16 crianças com idades entre seis e oito anos de idade. É importante frisar que, desde o início deste ano, realizo estágio extracurricular no grupo imaginativo, no período vespertino.

O capítulo foi dividido para melhor compreensão da pesquisa da seguinte forma: primeiro, Conhecendo a Escola Casa da Infância, onde apresento os aspectos físico da escola, e a seguir, Um dia Imaginativo, no qual explico o dia a dia do grupo estudado.

O item seguinte é O Projeto Político Pedagógico (PPP) e a identidade da escola, que possui um subtópico chamado “O Projeto Político Pedagógico para o Ensino Fundamental”, no qual é estudado o PPP da Escola Casa da Infância.

Em seguida, no Planos de Possibilidades, é apresentada a versão da *progettazione* da Escola Casa da Infância e de como ele se conecta com as documentações. Depois, em As documentações na prática, apresento e estudo as documentações do grupo do primeiro ano do Ensino Fundamental.

No tópico Livro de memórias, exemplifico como as documentações se tornam individuais para cada criança. E em seguida são apresentadas as entrevistas com as educadoras e com a coordenadora pedagógica.

5.1 CONHECENDO A ESCOLA CASA DA INFÂNCIA

É importante informar no começo deste item a respeito dos anonimatos atribuídos aos profissionais da educação que participaram desta pesquisa. Dessa forma, utilizarmos os seguintes pseudônimos: a coordenadora pedagógica Vermelha, e as educadoras de referência Branca e Verde.

A pesquisa de campo foi realizada em uma instituição privada de Salvador, fundada em 2013, que possui hoje duas sedes. A escola se inspira nas ideias da Pedagogia da Escuta e das experiências das Escolas Municipais de Reggio Emilia – Itália. A primeira sede está localizada no Itaipara e recebe crianças de um ano até três anos, a segunda está localizada no Caminho das Árvores e recebe crianças de quatro anos até o segundo ano do Ensino Fundamental. Assim, as crianças podem iniciar sua experiência na sede 1 e, depois, podem ir para a outra sede da instituição.

A investigação aconteceu na turma do fundamental, neste ano de 2018, o primeiro e o segundo ano do Ensino Fundamental formaram apenas uma turma miscigenada, sendo assim, a pesquisa ocorreu na sede 2. As documentações a nível coletivo analisadas se referem a todo o grupo e as de nível individual tiveram foco nas crianças do primeiro ano. A turma é de período integral, composta por 11 crianças do primeiro ano e 5 crianças do segundo ano.

É importante ressaltar que realizei estagio extracurricular neste mesmo grupo no período vespertino e, por essa razão, já havia familiaridade com a instituição, as crianças e os profissionais. Para manter uma distância, enquanto pesquisadora, reservei as manhãs para as visitas.

Referente à organização das turmas e à identidade da escola, cada grupo escolhe um nome. A escolha é feita pelas crianças, educadores e familiares. O nome do grupo em questão veio da sugestão de uma mãe que sugeriu que as crianças deveriam criar nomes misturando palavras. Por motivos de respeito ao anonimato, deixarei o nome do grupo oculto e o seu pseudônimo será IMAGINATIVO.

O primeiro encontro para solicitar o campo para pesquisa foi com a coordenadora, na ocasião debatemos o tema. Inicialmente, a pesquisa seria voltada para a educação infantil, mas a coordenadora pedagógica sugeriu que fosse no primeiro ano do Ensino Fundamental, porque ainda é uma experiência nova tanto na escola quanto na própria abordagem. Decidimos que eu deveria iniciar a pesquisa observando as crianças pela manhã, pois eu já estava familiarizada com a rotina da tarde e, após isso, estudaria o Projeto Político Pedagógico, as documentações, as projeções e livros de memórias, para em seguida realizar entrevistas com a própria coordenadora e com as educadoras de referência do grupo do Ensino Fundamental.

Dessa forma, me atentei nos primeiros dias a observar mais atentamente os ambientes físicos da escola e o que eles nos dizem. Ao entrar nos portões da Escola Casa da Infância, uma varanda com flores, palmeiras e bambus lhe recebe, trazendo a natureza para a escola, além de um cartaz que diz “deixe aqui seu sapato para entrar em conexão com a infância” (logo abaixo há uma sapateira que está cheia de sapatos de crianças e adultos).

A escola possui três andares, o térreo, o subsolo e o primeiro andar. No primeiro andar, há o refeitório dos funcionários, a sala da coordenação, a sala dos professores, um banheiro para adultos e o espaço de referência do grupo da educação infantil vespertino. No subsolo, há dois espaços de referência dos grupos 4 e 5 integrais, além do deck, que é um espaço livre para as crianças, com grama e pirâmides construídas com bambu, que elas costumam escalar.

Na varanda, há um escorregador que liga o térreo ao subsolo, e na parede do escorregador há uma documentação falando sobre ele. Como a abertura da escola para o Ensino Fundamental foi amplamente debatida por educadores, famílias e crianças, as famílias puderam visitar as obras na casa em que seria a escola e as crianças sugeriram que uma escada preexistente fosse substituída pelo escorregador. Foi necessária uma assembleia geral para discutir questões como a segurança nesse novo espaço e foi decidido, em conjunto, algumas regras como só poder usar o escorregador uma criança por vez.

Passando pela porta temos uma praça que, este ano, já foi ocupada por um enorme tabuleiro de xadrez, que instigava a todos a jogar uma partida, e uma estação de casinha com cama, sofás e armários. Hoje, a praça possui, em uma das laterais, uma estante com pequenas porções de alimentos como arroz, feijão, macarrão, além de frutas e raízes e uma balança. Além de dois carrinhos de supermercado adaptados para crianças. Dessa forma, a praça possui o seu próprio minimercado, onde as crianças podem realizar os seus jogos simbólicos

A praça é constantemente ocupada para oficinas de contação de histórias, assembleias gerais e para eventos que são frequentes na escola, como o sarau de poesia de crianças e adultos. Há também um teatro na praça que constantemente vira palco de diversas apresentações.

Do lado direito da praça temos o ateliê, onde há uma mesa chamada estação da natureza, que é adornada pelas crianças com flores, folhas, galhos e frutos formando uma linda mandala. Esses elementos podem ser utilizados livremente

pelas crianças para desenhos de observação. Há também uma mesa vazia para que cada criança possa chegar e desenhar. Além do carrinho com tintas, pincéis, papéis, hidrocores e lápis sempre ao alcance das crianças, que não precisam, necessariamente, da presença do *atelierista* para ocupar esse espaço. As paredes são cobertas por documentações e produções das crianças.

Os espaços são fluidos, ao passar do tempo se modificam para que possam despertar sempre a curiosidade das crianças. Do lado esquerdo da praça está o espaço de referência do grupo Imaginativo, com 3 mesas/estações de trabalho que se dividem em: 1) estação da matemática, onde há livros sobre números, questões geradoras de problemas como: Quem é o mais velho do grupo e quem é o mais novo?, além do material dourado que é muito utilizado pelas crianças para formularem seus pensamentos a respeito da soma e da subtração; 2) Estação de comunicação, preenchida com revistas picolé, livros com letras bastão, letras aleatórias – tanto confeccionadas em papel quanto outros materiais como em espelho – para que as crianças possam montar palavras; 3) Estação de pesquisa, que é a que mais muda acompanhando as pesquisas das crianças. No período em que aconteceu a visita, a mesma estava ambientada com livros em espanhol.

Há também uma mesa livre onde são realizadas algumas das propostas, uma biblioteca. As casinhas onde cada criança guarda o seu material. A assembleia, que além de ser um momento do cotidiano da escola é como chamamos também o mobiliário de madeira que lembra uma arquibancada que é onde as crianças se sentam para realizar a assembleia.

Nas paredes temos muitas produções das crianças, inclusive um calendário com todos os aniversários marcados. Há documentações em processo, além de pesquisas das crianças como por exemplo as palavras com “r”. Há também um quadro onde as propostas do dia são escritas durante a assembleia pela professora e ficam ali todo o dia para que as crianças possam lembrar. Além de um quadro de responsabilidades.

Após apresentar os aspectos físicos da escola Casa da Infância, no capítulo seguinte apresentaremos a documento que rege a escola e mostra a sua identidade, o Projeto Político Pedagógico.

5.2 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E A IDENTIDADE DA ESCOLA

A Escola Casa da Infância é inovadora em relação as escolas mais tradicionais e possui uma identidade própria que possui um dicionário. Este objeto documento é entregue aos pais e visitantes da escola, explicando as nomenclaturas que a instituição adota. Vale ressaltar que palavras como “propostas”, “atelierista” e “documentação” estão presentes no dicionário. O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Casa da Infância (2016, p 6) informa aos leitores sobre o próprio PPP e muito sobre a escola:

[.. .] está estruturado e projetado como versão preliminar contendo nele a declaração dos valores, crenças, ideias, princípios, conceitos conteúdos e estratégias, assim como, o Regimento Escolar e o currículo. É um material aberto, vivo e dialético, em permanente construção, portanto intencionalmente com algumas páginas em branco. Declarando assim que é possível de ser revisado e ajustado sempre que necessário.

Vale lembrar que a escola foi fundada em 2013, isso nos comunica que não só as crianças, mas também a escola está em formação e aberta a mudanças e novos pontos de vista. A escola expõe os seus ideais o tempo todo e no PPP (2016, p.11) são apresentados os educadores como um todo da escola, da seguinte forma.

Um grupo de pessoas que acreditam na vida e no ser humano, que sonham com uma infância bem vivida e tem como crença a ideia que a criança é um ser com enorme potencial, capaz de nos surpreender sempre.

O PPP é tão participativo e plural que possui cartas endereçadas a escolas e aos fundadores de educadores e amigos ao redor do mundo desejando boa sorte e energias positivas. Há também cartas trocadas com a equipe de arquitetos responsáveis pela escola, em que é possível perceber a preocupação e a importância com os espaços físicos da escola. Espaços estes que são bem iluminados e podemos perceber que o espaço foi pensando para as crianças.

A escola, através do seu PPP, informa que adotou a organização por ciclos de aprendizagem para que o tempo e a autonomia da criança possam ser respeitados. Além que criar uma pluralidade rica de sujeitos, há também uma preocupação quanto ao educador que vai acompanhar essas crianças, pois o mesmo vai passar um longo tempo com a criança para poder formar um forte vínculo que propicia a tomada de decisões do melhor caminho a se seguir. Essa decisão anunciada no PPP explica por que o primeiro e o segundo ano do Ensino Fundamental estão no mesmo grupo, por fazerem parte do mesmo ciclo.

Na escola não há a uma preocupação única com os conteúdos e, sim, com o holístico de cada criança. Dessa forma, a escola elege os conteúdos em conexão com a função social do ensino e o PPP (2016, p.53) evidencia os seus conteúdos mais gerais.

O fortalecimento da identidade do sujeito, o domínio da língua falada e escrita e dos princípios e fatos da matemática;
A compreensão do funcionamento da sociedade nas suas dimensões espacial e temporal;
Os princípios da investigação científica e o uso dos recursos tecnológicos;
O acesso à informação e a possibilidade de apreciar e produzir as diversas expressões artísticas;
O cuidado e o respeito com o corpo e com o ambiente, visando a preservação da vida com qualidade, sabendo lidar com as transformações sofridas por ambos;
O exercício da convivência no respeito às diferenças.

A missão da escola deve ser o seu propósito e a sua razão. Além de definir a sua identidade e o que deseja transmitir para as crianças é a razão da mesma existir enquanto escola. De acordo com o PPP (2016, p.22), a missão da escola é clara:

Promover uma comunidade de aprendizagem com vida bem vivida (com relações no contexto local e global) para as crianças, suas famílias e os educadores a partir de vivências e relações humanas saudáveis, verdadeiras, participativas, de ampliação da visão acerca de si mesmo, dos outros e do mundo e de produção de conhecimento e de cultura.

O PPP da escola apresenta algumas das suas produções e uma documentação em que explica a própria documentação, suas funções e que a mesma deve tornar visível a aprendizagem. É possível observar, a seguir, na figura 1 retirada do PPP da escola.

Figura 1 – Documentação



Fonte: Projeto Político Pedagógico (2016)

É importante ressaltar que é informado no PPP que os membros da RedSOLARE, que é a responsável por difundir a pedagogia de Reggio, fazem parte da comunidade da escola e há referências a de Loris Malaguzzi no PPP da Escola Casa da Infância.

O PPP narra que a sede 2 nasce através da necessidade de ampliar a oferta da pedagogia exercida na casa para o Ensino Fundamental. As famílias das crianças que estavam na casa em 2016 formularam essa demanda, pois desejavam que as crianças pudessem continuar tendo uma aprendizagem diferenciada. O PPP (2016, P.7) descreve o que eles entendem que é importante para o perfil das crianças:

Estas escolhas buscam oferecer as crianças, sujeitos de direitos em formação, uma aprendizagem integral de caráter multicultural, planetária, ecológica, global, local e social tendo em vista a formação de cidadãos sensíveis, amorosos, ativos, pensantes, críticos, inovadores, criativos e transformadores.

O PPP da Escola se divide para o Ensino Fundamental, e o subtópico a seguir traz as especificidades desse segmento.

5.2.1 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

No PPP da Escola Casa da Infância, é possível perceber que a instituição possui uma preocupação com a infância, respeitando cada criança, cada fase do seu desenvolvimento, seu tempo e personalidade. Estar na escola é como estar em uma comunidade, pais e educadores trabalhando juntos em prol da infância.

Dessa forma, nasce o Ensino Fundamental na escola, do desejo dessa comunidade de continuar a vivenciar essa abordagem. Logo no início deste item do PPP, há referência à pedagogia de Reggio e ao Centro internacional Loris Malaguzzi. Há também cartas das famílias sobre a escola e o desejo de continuar a oferta de uma escola democrática até o Ensino Fundamental.

A escola apresenta sua identidade no Ensino Fundamental sempre se preocupando no holístico, com a ética, com o viver de cada criança. Afinal, de acordo com o PPP (2016, s/p) a Escola Casa as Infância é:

Um espaço como um processo de vida consiste de qualidades que vão além das funções distribuição tradicional do espaço escola, em um projeto onde o micro e o macro-escala coincidem, um espaço relacional onde você aprende, você pode jogar, dormir, comer, trabalhar, comunicar, olhar, um lugar de VIDA real, em que as pessoas vivem em comunidade; um espaço para atender projetos do homem e os da natureza e da sociedade.

É interessante observar que o PPP (2016, p.7) dessa escola primeiro questiona, enquanto instituição, diversos pontos, como questões norteadoras.

Como vamos organizar a nossa cotidianidade no Ensino Fundamental da Escola Casa da Infância?
De que maneira nascerão as pesquisas de crianças e adultos?

E além, dos questionamentos da instituição, possui as indagações feitas pelos pais que quiseram a continuidade. Por exemplo, há questões sobre qual seria a ideia de escola de qualidade, inovadora e transformadora, sobre os perfis das crianças da escola. E a partir disso, elaboram o PPP. Como dito anteriormente, logo no começo, o mesmo avisa que está em constante construção.

Obviamente, há também o pedagógico no PPP (2016), onde é apresentado os objetivos das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.

I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, das artes, da tecnologia e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – A aquisição de conhecimentos e habilidades, e a formação de atitudes e valores como instrumentos para crítica do mundo;

IV - O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

O PPP da escola é apresentado dividido por áreas de atuação como conhecimento linguístico e matemático e o que se pretende alcançar com as crianças. O PPP também comunica sobre a avaliação, questionando quando deve ser feita a avaliação, além de o que se deve avaliar. O PPP (2016) afirma que:

Estruturar a avaliação numa perspectiva processual e interativa é dar oportunidade ao sujeito de resignificar e aprofundar seus saberes, possibilitando uma reflexão do seu aprendizado. Esta maneira é, sem dúvida, um caminho mais democrático e verdadeiro para se avaliar.

A escola acredita em uma avaliação diagnóstica e contínua, processual para além dos erros e acertos, com uma participação ativa das crianças, durante todo o processo, pois a construção de aprendizagem precisa ser retroalimentada, sendo assim necessário um processo de metacognição. De acordo com o PPP, a avaliação deve acontecer, mas não se limitando ao uso de provas, mas, principalmente, com sensibilidade, amor e relatividade. Avaliar para encorajar as crianças a ressignificarem o mundo a sua volta.

A escola explica que os professores devem deixar claro as metas e os critérios de avaliação para os estudantes, famílias e comunidades para que a avaliação não seja apenas individual e, sim, partilhada. A documentação traz isso, de tornar visível essa aprendizagem.

Após apresentar o PPP, é importante conhecer o cotidiano do grupo Imaginativo para melhor compreender as documentações que o grupo gerou.

5.3 O GRUPO IMAGINATIVO

Durante a pesquisa no grupo Imaginativo, observei as práticas das educadoras Branca e Verde. A educadora Branca passa o maior tempo com as crianças, pois seu horário com elas é das 8 horas às 16 horas e 30 minutos, com intervalo para almoço. Já a educadora Verde precisa se dividir entre dois grupos, pela manhã com o Imaginativo e, à tarde, com o grupo do segundo ciclo da educação infantil. À tarde, a estagiária está presente das 13 horas e 30 minutos às 18 horas e 30 minutos.

O cotidiano das crianças é muito fluido e as propostas acontecem dependendo do momento do grupo. Todos os dias as crianças entram em contato

com as múltiplas linguagens, através dos encontros com algum atelierista da escola. Às segundas e terças, o inglês acontece no turno da tarde e a musicalidade na terça. Já na quarta e quinta é a vez do atelierista com formação em artes plásticas e na sexta com o atelierista de corpo e movimento. Vale ressaltar que a criança tem o direito de escolher o momento do dia em que prefere realizar a proposta, se a mesma não afetar o coletivo do grupo, que normalmente é realizada em pequenos grupos e tem o dever de fazer a proposta.

A rotina diária das crianças começa a partir das 7 horas e 30 minutos, porém o horário para a criança chegar à escola se estende até as 9h. No começo da manhã, acontece o acolhimento e em todos os dias que pude ir, pela manhã, observei que tocavam músicas tranquilas que faziam parte do repertório das crianças, algumas brincavam dançando em roda na praça. As crianças nesse momento estão livres para desenhar, brincar com os jogos ou sem eles ou, ainda, ler algum livro.

Minha pesquisa aconteceu no período de outubro a novembro de 2018, sendo assim final do ano escolar. As crianças elegem ao longo do ano um tema para realizarem uma pesquisa individual, que deve ser apresentada ao grupo no fim do ano. Por esse motivo a educadora Branca combinou com o grupo que as crianças que desejassem ajuda, poderiam chegar no período do acolhimento.

Tive a oportunidade de estar presente em um desses momentos, a pesquisa de uma das crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental é sobre lendas e por que elas dão medo. A professora sentou com ela e a questionou o que era medo, pediu também um desenho sobre o medo. A criança depois foi incentivada a perguntar para seus colegas de grupo o que era medo e que também fizessem seus desenhos.

A pesquisa individual da criança se inicia com o que a criança formula como hipótese e depois se organiza o contraponto de ideias, levando em consideração também o que as outras crianças pensam. As crianças acabam questionando também os adultos sobre a relação das suas pesquisas e têm livre acesso a um computador para realizar sua investigação. No final de novembro, as crianças apresentam o que idealizavam no início da pesquisa, as contribuições trazidas pelos amigos e o resultado a que chegaram.

Às 9 horas, as educadoras reúnem todos na assembleia onde retomam brevemente o que aconteceu no dia anterior e apresentam as propostas para o dia.

As crianças se dividem em pequenos grupos, normalmente, com até 5 crianças. Como estávamos no fim do ano, as crianças já tinham o compromisso de escolher uma proposta de leitura. Nesses momentos, é possível escolher o que quer ler e também realizar uma escrita, podendo ser o cardápio ou a lista de quem faltou para entregar na secretaria, por exemplo. No meu primeiro dia de observação, vale salientar, duas mães assistiram à assembleia da manhã.

Depois da assembleia, as crianças vão direto para o lanche. As crianças arrumam a mesa antes e retiram os seus pratos após o mesmo. Cada dia da semana, um grupo da escola é responsável por ir até a cozinha ajudar a preparar o lanche e o almoço.

Depois de decidido quais propostas cada criança vai realizar, elas se dirigem para as mesas de trabalho. Normalmente, estão sempre em grupo e as educadoras se dividem para acompanhar os grupos, observar o desenvolvimento coletivo e individual das crianças. Depois de realizarem as propostas do dia, elas podem ir brincar no deck, até a hora do almoço, se preferirem, que fica na frente da escola.

Após o almoço, todos se acomodam para a história, que pode ser contada no espaço de referência ou na varanda. No começo do ano, a professora ou a estagiária contavam as histórias e as crianças se acomodavam deitadas ou sentadas para descansarem, já no final do ano, nos meses de outubro e novembro, as próprias crianças contavam as histórias para todo o grupo. Elas escolhem uma história e pedem para contar e, se alguém já tiver solicitado, eles logo pedem para o dia seguinte.

Depois da história, as crianças têm o encontro com o especialista. Normalmente, vai um pequeno grupo e os outros ficam no Espaço de referência terminando alguma proposta ou realizando parcerias de leitura. Após o encontro, as crianças se reúnem todas em uma nova assembleia onde contam o que aprenderam no dia e, por fim, planejam o dia seguinte.

A assembleia também é um momento em que elas podem expressar como estão se sentindo. Se aconteceu algum conflito, é o momento de compartilhar com todo o grupo. É um espaço também para demonstrar sentimentos e planejar eventos.

Ao fim da assembleia da tarde, as crianças lancham novamente, a educadora Branca fica em sala até esse momento que, normalmente termina às 16 horas e 30 minutos. As crianças, então, seguem para as oficinas que ocorrem até as 17 horas e

30 minutos. As crianças que jantam na escola se organizam para isso e as outras se concentram no térreo, seja no Espaço de referência do Imaginativo, no Ateliê ou na varanda, aguardando os responsáveis. A escola fecha às 18 horas e 30 minutos.

O dia de cada criança é definido de forma fluida sem a obrigatoriedade de ser igual ao do colega. As crianças aprendem por relações, não somente com as educadoras de referência, mas também com as outras crianças e com todos os educadores da escola.

As propostas são diferentes visto que cada criança é única e ela pode escolher o que lhe é mais interessante. O rico da proposta é que não há uma ruptura drástica com as brincadeiras e o tradicionalismo que, normalmente, encontramos no Ensino Fundamental. Ainda há espaço para os jogos simbólicos, para a contação de histórias nesse tempo. É importante informar que a escola não adota nenhum livro didático, nem módulos, tampouco atividades xerografadas e não há dever de casa.

A seguir estudo algumas das documentações que foram produzidas a partir do que as crianças do Imaginativo viveram ao longo desse ano.

5.4 AS DOCUMENTAÇÕES NA PRÁTICA

As documentações analisadas são fruto das pesquisas que moveram as crianças do grupo Imaginativo neste ano. Como dito anteriormente, as documentações têm foco no processo e precisam ser revisitadas tanto pelas crianças quanto pelos educadores. As documentações analisadas não estão fechadas, pelo contrário, estão sempre abertas a revisitações, diálogos e aprendizados.

A escola tem como parte de sua cotidianidade um almoço temático de países por mês na sede 2, cada grupo é responsável pela escolha do país, de conversar com a nutricionista da escola sobre o cardápio e de cuidar da decoração do refeitório para que esse almoço aconteça. O imaginativo foi o primeiro grupo a escolher o país logo no começo do ano letivo, sendo assim a documentação desse evento foi uma das primeiras do grupo.

O almoço típico Mexicano se tornou uma documentação, as educadoras trazem nessa documentação que as crianças elegem países apresentam para o grupo e defendem o país de seu interesse até a votação. É possível observar

também o motivo do interesse pelo México, pela a história de Frida Khalo, as caveiras coloridas e o filme Viva – a vida é uma festa.

As crianças construíram bandeiras mexicanas para ornamentar o refeitório no dia do almoço. Um grupo de trabalho se inscreveu nessa atividade. Surgiu uma situação problema, essas crianças tinham uma folha de cartolina para produzir as bandeiras. Quantas bandeiras elas conseguiriam produzir? As educadoras apresentam a narrativa a respeito das bandeiras com diálogos e imagens das crianças e se questionam: Como as crianças desenvolvem o pensamento geométrico e espacial a partir da construção de uma bandeira?

Após o almoço, todas as crianças sentaram em assembleia com as educadoras para fazer a avaliação do processo vivido, algumas se queixaram da falta de cadeiras na hora de comer. Foi decidido em assembleia que as crianças deveriam solucionar o problema para avisar ao grupo responsável pelo almoço seguinte sobre quantas mesas precisariam.

Na documentação aparecem os diálogos, desenhos e fotos das crianças investigando quantas mesas seriam necessárias no refeitório no dia do almoço temático. Cada criança apresentou uma estratégia diferente para resolver o problema e elas comentavam sobre as ideias uma das outras, suas dúvidas e contrapontos. Além disso, é possível notar também nas documentações citações de autores teóricos, que ajudam as educadoras a elucidar a situação vivida.

Vale ressaltar que nas documentações percebemos que não há o passo-a-passo comumente encontrado nos planos de aula, lá consta o que se pode alcançar de potencialidades com as crianças. Normalmente, as temáticas norteadoras das documentações são trazidas à tona pelas próprias crianças, são proposições que despertam a atenção das mesmas. Os requisitos dos marcos regulatórios são inseridos dentro das proposições das crianças e, quando necessário, as educadoras os lançam de forma leve como questionamentos para as crianças.

O PPP da escola também apresenta, além da documentação, um modelo de Plano de Possibilidades. Sendo esse o norteador do trabalho do educador e base das documentações analisaremos os Planos de Possibilidades do grupo Imaginativo.

5.4.1 PLANOS DE POSSIBILIDADES

Reggio se utiliza do termo *progettazione*, para substituir e dar um novo significado aos planos de aula que são engessados e diferentes da *progettazione*. No PPP da Escola é apresentado um modelo do que eles chamam de Planos de Possibilidades, às vezes chamados de projeção.

Na minha pesquisa, tive acesso aos Planos de Possibilidades do grupo Imaginativo. Todos os dias são construídos novos planos, que dependem do momento em que o grupo e a escola vivem, sendo assim os Planos de Possibilidades são o planejamento do educador para aquele dia.

Os Planos de Possibilidades de todo o ano letivo ficam disponíveis em uma pasta na estante do grupo, os pais e ou responsáveis das crianças do Imaginativo têm acesso a este material. Podemos afirmar que os Planos de Possibilidades são divididos em categorias, mas sem ordem ou hierarquia. Foram analisados dez planos de possibilidades de cada mês, dessa forma há informações sobre diferentes planos.

Segue abaixo figura do Plano de Possibilidades do dia 24 de maio de 2018 do grupo Imaginativo para melhor exemplificar o estudo.

Figura 2 – Plano de Possibilidades

PLANO DE POSSIBILIDADES –				
<p>GRUPO 6:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. <p>GRUPO 7:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. 2. 3. 4. 5. 	<p>COTIDIANIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ ESCRITA DO NOME NA LISTA DE PRESENÇA; ✓ CONSTRUÇÃO DO CARDÁPIO (O TEMÁ HOJE NO ALMOÇO?); ✓ PROPOR QUE UMA CRIANÇA ESCOLHA A MÚSICA A SER CANTADA NA SEMANA; ✓ QUANTOS COLEGAS ESTÃO PRESENTES? FAZER UMA LISTA E ENTREGAR NA SECRETARIA PARA LIGAR PARA QUEM FALTOU; ✓ ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS PARA OS PLANOS DE TRABALHO ✓ LEMBRAR QUE AMANHÃ É DIA DE OFICINA DE CAPOEIRA NA PRACA 	<p>Ambientar a Escola para a Celebração da Vida</p> <p>Escutar as crianças sobre o que é celebrar a vida.</p> <p>Identificar as metáforas.</p> <p>Organizar o pensamento das crianças das fímulas.</p> <p>Enfeitar com elementos da natureza e pendurar na entrada da Escola ou na Porta da sala</p>	<p>Planejamento da viagem para o sertão da Bahia – Fazenda do avô de em João Dourado</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazer o mapa do percurso de Salvador até Itacaré, considerando as cidades que passaremos pelo trajeto. • Como vivem as pessoas que moram lá? Etc. • Pesquisa de Itacaré com o uso do computador? <p>Quem não vai para esta viagem fará uma pesquisa sobre o local das férias para partilhar</p>	<p>Aquisição da Base Alfabética</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Descobrir quem será o moderador da Assembleia lendo a mensagem no sorteio. 2. Revista Picolé 3. Lista de quem faltou para Carol 4. Escrever cartões postais sobre João Dourado (Imprimir imagens para fazerem desenho de observação)
<p>PRÉ-FIGURAÇÕES:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Que ideias as crianças têm sobre a linguagem escrita? Como resolverão os possíveis conflitos cognitivos para escrever? Como colocam a linguagem escrita em relação com outras linguagens? 2. Quais as estratégias de Leitura que as crianças utilizem para construir o sentido do texto? 3. Como apoiar as crianças e desenvolverem a autonomia sócio moral? 	<p>PROPOSTA DAS CRIANÇAS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Jogos de mesa 2. Jogar xadrez em pequenos grupos 	<p>TROCA DE FIGURINHAS</p> <p>Olhar na tabela as figurinhas disponíveis para troca</p> <p>Marcar quais figurinhas estão precisando para completar o seu álbum</p> <p>Trocar figurinhas</p>	<p>Encontro COM</p> <p>14h às 15h</p>	
<p>COTIDIANIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ ASSEMBLEIA PARA DIÁLOGO SOBRE COMO SERÁ O NOSSO DIA ✓ ESCRITA DO NOME NA LISTA DE PRESENÇA E DO MENÚ DO DIA PARA EXPOR NO REFEITÓRIO ✓ ORGANIZAÇÃO DAS MESAS PARA O LANCHE/LANCHE ✓ REALIZAÇÃO DOS PLANOS DE TRABALHOS INDIVIDUAIS ✓ AJUDA NA PREPARAÇÃO DO ALMOÇO/ALMOÇARE LAVAR OS PRATOS. ✓ DESCANSO ✓ HISTÓRIA ✓ REALIZAÇÃO DOS PLANOS DE TRABALHOS INDIVIDUAIS ✓ PROPOSTAS DAS CRIANÇAS ✓ ASSEMBLEIA, À TARDE, PARA COMPARTILHAR COMO FOI O DIA DE HOJE E PROJETER O DIA SEGUINTE. ✓ O QUE OCORRER... 	<p>Roda de História</p>	<p>ASSEMBLEIA, À TARDE, PARA COMPARTILHAR COMO FOI O DIA DE HOJE, o que produziram, quais as estratégias, confrontar e escutar os colegas... E PROJETER O DIA SEGUINTE</p>		
<p>Metas de Aprendizagem:</p> <p>GRUPO 6</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Aprender a ler e escrever e escrever com letra cursiva 2. ler e escrever 3. participar das Assembleias, fazer o Plano de Trabalho, concluir o que inicia, controlar as emoções e ser cuidadoso e educado com as pessoas 4. Aprender a ler e a escrever, escrever de letra cursiva 5. concluir o que inicia, participar das propostas em grupo, participar da Assembleia; aprender a dizer ao outro quando não gosta de alguma coisa, conhecer a mitologia africana, tupi-guarani, egípcia, aprender a ler e escrever. 6. Conhecer as letras 7. Aprender a escrever com letra cursiva 8. Conhecer as letras, aprender a ler e a escrever 9. Aprender a jogar futebol e concluir o que inicia 10. Conhecer as letras, ler e escrever 				

Fonte: Escola Casa da Infância (2018)

Há, dentro do Plano de Possibilidades, um item chamado de cotidianidade, onde estão listados o que as crianças fazem sempre, como escrever o nome na lista de presença, decidir sobre quem irá escrever o cardápio que fica exposto no refeitório, fazer uma lista dos faltosos para entregar na secretaria, realizar as

assembleias da manhã e da tarde, organizar os grupos para realização dos outros itens planos de possibilidades.

O grupo Imaginativo foi convidado pela diretora da escola para, nas férias de junho, fazerem juntos uma viagem para o Sertão da Bahia. Sendo assim, essa viagem aparece nos planos de possibilidades dos meses de maio e junho com algumas propostas para as crianças, como por exemplo, encontrar no mapa a cidade de Irecê, encontrar o percurso de Salvador até Irecê e listando as cidades que estão no caminho. A matemática também se faz presente nessa possibilidade quando surgem propostas que indagam quantas pessoas vão para a viagem e quantos carros são necessários para a viagem.

Nos Planos de Possibilidades do grupo imaginativo do início do ano, havia o item chamado de Aquisição da Base Alfabética e que, com o passar do tempo e devido ao desenvolvimento do grupo, passou a ser chamado de Produção de Leitura e Escrita. Nesse item estão as propostas da cotidianidade, como a lista de quem faltou e descobrir quem será o moderador da assembleia lendo a mensagem do sorteio, realizar atividades da revista picolé. E as outras propostas que não são cotidianidade porque estão sempre de acordo com a pesquisa do momento, como por exemplo escrever uma carta convidando os pais para a viagem ao Sertão.

Como dito anteriormente, há a tradição de realizar, uma vez por mês, um almoço típico de um país e cada grupo escolhe um país e toda a escola se mobiliza para realizar essa proposta. Inúmeras possibilidades de propostas apareceram no Plano de Possibilidades como desenhar a bandeira do México e a partir dessa ideia, se manifestou a curiosidade por descobrir qual o animal está na bandeira.

Depois, chegou um desafio que foi necessário incluir no Plano de Possibilidades, não haviam cadeiras suficientes no refeitório para que todas as crianças da Escola almoçassem juntas no mesmo horário. Assim surgiu a proposta de descobrir quantas mesas eram necessárias para os almoços e comunicar ao grupo seguinte. Essa questão ficou exposta na mesa de trabalho da matemática.

As crianças do grupo Imaginativo iniciaram uma pesquisa sobre escolas ao descobrir que uma criança, que chegou na escola neste ano já havia feito provas no ano anterior. Após inúmeras questões sobre os diferentes tipos de escola, as crianças resolveram produzir um filme chamado “Um dia de prova”, que se passaria em uma escola tradicional. O Plano de Possibilidades se adaptou a essa pesquisa

das crianças e a escrita e revisão do roteiro fizeram parte do item Produção de Leitura e Escrita.

Outro ponto presente nos Planos de Possibilidades que acho importante ressaltar são as pré-figurações, que são perguntas para as educadoras a respeito do desenvolvimento das crianças, questões que mudam, inclusive, conforme as pesquisas. Seguem alguns exemplos, conforme os Planos de Possibilidades do grupo Imaginativo (2018, s/p):

Que ideias as crianças têm sobre a linguagem escrita? Como resolverão os possíveis conflitos cognitivos para escrever? Como colocam a linguagem escrita em relação com outras linguagens?
 Quais as estratégias de Leitura que as crianças utilizam para construir o sentido do texto?
 Como apoiar as crianças a desenvolverem a autonomia sócio moral?
 Que ideia as crianças têm sobre Escola? Que relações fazem sobre pessoas e instituições?

Me questionei sobre essas perguntas e como elas surgem. Elas são para as pesquisas das educadoras? Para documentações? Nas entrevistas as educadoras explicam que elas surgem da base nacional comum curricular e também do que elas desejam descobrir com as crianças.

Em relação à participação das crianças no Plano de Possibilidades, me chamou atenção enquanto pesquisadora um item chamado Propostas das crianças, onde ficam as propostas que as crianças desejam realizar além das sugeridas pelas educadoras. Aparece ao longo dos Planos desde brincar de bandeirinha, jogar uno, até aprender a jogar xadrez e ler em espanhol. Esse item reafirma a importância da escuta das crianças.

A Escola Casa da Infância tem reuniões entre educadores, pais e crianças a cada três meses e após o primeiro trimestre desse ano surgiram no Plano de Possibilidades as metas de aprendizagem de cada criança. De forma geral, as crianças do segundo ano têm como meta aprender a ler e escrever sem erros ortográficos. As metas das crianças do primeiro ano sofrem uma grande variedade e há crianças que desejam conhecer as letras e aprender a ler e escrever. Crianças que desejam aprender a ler e escrever e também escrever em letra cursiva. Há também crianças que têm como meta participar das assembleias, fazer o que se compromete dentro do Plano de Possibilidades, concluir o que inicia, além de aprender a ler e escrever.

É uma experiência rica perceber a relação entre educadores, família e criança respeitando os desejos, anseios e necessidade de todos eles, porque eles são os mais envolvidos nesse processo de formação do sujeito.

É interessante observar que a grande maioria dos Planos de Possibilidades estão riscados em alguma atividade ou com escritos adicionados de caneta, assim mostra a flexibilidade do mesmo.

No seguinte tópico é estudado os livros de memórias das crianças que trazem de forma individual o que cada criança viveu nas experiências que se tornaram documentações.

5.4.2 LIVRO DE MEMÓRIAS

O caderno das experiências é a documentação individual das crianças, sendo assim um instrumento utilizado pela Casa da Infância para documentar a vida escolar de cada uma delas, ele ilustra o acompanhamento das crianças ao longo de sua trajetória na escola. Os livros talvez sejam os instrumentos principais de documentação. Para essa pesquisa, estudei os livros de memórias de duas crianças do primeiro ano.

Em conversa com a coordenadora, foi explicado que quando a escola decidiu implantar o Ensino Fundamental foi decidido que o caderno continuaria como instrumento avaliativo e que as crianças não realizariam provas. No seguinte item, entrevista na questão de número quatro, é trazida uma fala da coordenadora que reafirma essa decisão.

O livro de memórias é um instrumento que acompanha a criança e narra suas experiências, suas escolhas, seus processos de pesquisa. Além de ressaltar as linguagens que a escola aborda como a plástica e a musical, entre outras.

Os livros das crianças do Ensino Fundamental, que foram avaliados para essa pesquisa, começam com um texto produzido pela coordenação explicando sobre a avaliação no Ensino Fundamental. Caderno de experiência do grupo Imaginativo (2018, p.1,2):

[...] o objetivo da avaliação é o de adquirir e processar evidências necessárias para fortalecer, aprofundar e tornar visível o processo de ensino e aprendizagem, incluindo uma grande variedade de evidências que vão além do previsto. É também um auxílio para classificar os objetivos significativos e as metas educativas, um processo para determinar em que medida as crianças estão se desenvolvendo dos modos desejados, ou seja

alinhado com nossas crenças, valores, princípios e expectativa de mudanças.

O livro é entregue para as famílias atualizado a cada três meses, a partir dele são definidas as metas em parceria com as crianças e as famílias, as metas são definidas de forma individual para cada sujeito do grupo. A escrita do caderno pela educadora começa com uma carta para a criança de forma individual, falando sobre o seu desenvolvimento e experiências em paridade.

Em seguida, traz uma documentação, dentro do livro, sobre como foi a experiência do Imaginativo se constituir enquanto grupo. As educadoras relatam como foi para a criança se ver nesse novo grupo, como ela reagiria às situações novas que essa oportunidade lhe trouxe.

O livro de memórias traz as documentações do grupo, no entanto com foco na criança a que o caderno pertence, há a documentação sobre as mesas para o almoço e o ponto central é o pensamento daquela criança. O que ela imaginava no começo da investigação e como a relação com seus amigos a fez mudar o pensamento, trazendo assim as hipóteses iniciais e as finais. Traz também o que a educadora entende que a criança já compreende e o que ela ainda precisa alcançar.

Há também uma documentação sobre a importância da grafia no cotidiano como, por exemplo, escrever o cardápio do dia, pois a escrita nesse caso tem um objetivo que está claro e é imediato para as crianças, ou seja, o trabalho dela vai tornar possível que as outras pessoas saibam o que vão almoçar no dia. Há uma foto da criança escrevendo a palavra “peixi” e uma reflexão das educadoras a respeito da relação fonema e grafema.

Cada indivíduo do grupo Imaginativo deve escolher um tema para realizar uma pesquisa, pois as crianças são pesquisadoras natas. As educadoras trazem que a criança é encorajada a observar o entorno em busca do seu tema, algo que tenha sentido e significado para ela. A criança é incentivada a encontrar o seu problema de pesquisa para compartilhar com todo o grupo e com sua família a realização desta, no último trimestre. No final desta monografia as crianças do grupo ainda não haviam apresentado as suas pesquisas individuais.

No livro de memórias, ao final de cada trimestre, há um processo de metacognição onde a criança conta o que já aprendeu e o que ainda deseja conhecer. A criança de um caderno analisado relata ter aprendido que amizade é quando uma pessoa cuida da outra, já conhecer todas as letras e saber ler algumas

palavras como nomes de pessoas próximas e outras que nem dá para “se lembrar”, aprenderam também a fazer contas e que quando não dá pra usar os dedos dá pra usar as “barrinhas” (material dourado).

Por questões de privacidade e identidade não foi possível incluir figuras dos livros de memórias analisados. O item a seguir traz as entrevistas com as educadoras do grupo Imaginativo e a coordenadora pedagógica.

5.5 ENTREVISTAS

Após ler todos esses documentos da escola, novas questões e dúvidas surgiram a respeito da escola, dos profissionais, da pedagogia de Reggio Emilia e sobre as documentações. Dessa forma, foi necessário entrevistar as educadoras de referência do grupo Imaginativo e a coordenadora pedagógica com o objetivo de compreender como a documentação pedagógica pode ser um instrumento de avaliação potente dentro da abordagem de Reggio Emilia para o primeiro ano do Ensino Fundamental.

O Roteiro das questões para a entrevista das educadoras de referência do grupo Imaginativo, Verde e Branca, foram iguais, como é possível observar no APÊNDICE A, porém diferem do roteiro adotado para a coordenadora Vermelha, contido no APÊNDICE B. Vale salientar que apenas algumas perguntas introdutórias se repetem em ambas as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com autorização das entrevistadas para gravar o áudio e posterior transcrição, para melhor organização, as entrevistas serão apresentadas abaixo dentro de um quadro e as questões serão comentadas após os quadros.

As entrevistas ocorreram individualmente e no mesmo dia. A primeira entrevista ocorreu em uma manhã com a coordenadora Vermelha como é possível ver no Quadro 1 e, em seguida, com a educadora Verde, ilustrada no Quadro 2. A educadora Branca, por sua vez, foi entrevistada no final da tarde, como pode ser observado também no Quadro 2.

Quadro 1 – Coordenadora pedagógica Vermelha

COORDENADORA PEDAGÓGICA: VERMELHA
1. Qual a sua formação? E há quanto tempo você trabalha na Escola Casa da Infância?

Resposta: Eu sou psicóloga, minha primeira formação é em Psicologia. Tenho Mestrado em Ciências Sociais e estou concluindo o Doutorado também em Ciências Sociais e também estou concluindo Pedagogia. Estou na escola desde 2014, 4 anos, vão fazer 5 anos. Entrei um ano depois da abertura da casa.

2. Quais são as suas impressões sobre a Pedagogia de Reggio?

Resposta: Quando eu conheci Reggio, para mim, foi uma sensação muito incrível, ver que é possível existir aquilo que eu sonhava, ou eu pensava, ou imaginava enquanto educação. Eu me lembro que desde a faculdade, mesmo em Psicologia, eu sempre trabalhei muito com educação, tinha feito estágio em algumas escolas e depois trabalhei na Secretaria de Educação. Eu sempre estive próxima à educação, inserida na educação. E eu me lembro que na Faculdade de Psicologia tinha a escola da Ponte que era uma referência de uma escola que promovia a autonomia, funcionava em uma outra dinâmica fora da lógica do controle, da disciplina, da repetição, de um aspecto mais conteudista. No caso de Reggio, para mim, foi ainda mais surpreendente por ser um sistema municipal, não é só uma escola de certa forma só uma escola é mais simples se alguém deseja e tem recursos para isso você consegue fazer algo diferente. Mas pensar que esse é um desejo, é uma ação de uma comunidade, de uma cidade inteira que se dedica a isso há mais de 50 anos que foi uma escolha da comunidade ter escolas dessa forma é uma construção muito própria, muito genuína e, de fato, com muita participação social. Isso de fato, para mim, é o mais surpreendente. E falando da Pedagogia especificamente, pra mim, também foi sempre muito incrível o fato deles romperem com essa lógica do que está posto tanto em relação ao professor como em relação as crianças, a lógica de construção de conhecimento, de quem tem o controle do que se aprende. A sala de aula não é um lugar fechado que o professor é soberano porque isso, ao mesmo tempo, em que pode ser muito potente pode trazer diversas questões. É um momento em que você abre a escola como um espaço educativo como um todo para todos que estão ali, para as crianças, os educadores, as famílias, a comunidade do entorno. A cidade chega até a escola e a escola também, pois tem ações para a cidade, sobretudo a fim de contemplar o bem estar das

crianças, a ideia que se tem de infância, a participação das crianças nos espaços públicos, sejam eles restaurantes, praças, a câmara municipal, então eles tem a compreensão realmente de que a escola é uma instituição central na sociedade que é permeada, que se constrói nessas relações não como algo segredo, como algo que tem um viés único onde a diversidade está presente, a diversidade étnica, cultural, de pensamento. Isso é sempre posto em dialogo e as crianças aprendem isso desde muito pequenas, então, elas tem a oportunidade de vivenciar relações dialógicas, relações em que elas aprendem que a voz delas, as ideias delas tem significado, tem importância, são valorizadas, são tornadas visíveis isto constrói pessoas, seres humanos que se compreendem de um lugar diferente no mundo, exatamente, por terem sido contemplados de uma forma diferente na sua história de vida. As coisas que acontecem no cotidiano nas escolas de Reggio e que a gente tem vivido, aqui, na Casa da Infância, sobre as crianças se expressarem, mostrarem seus pontos de vista, mesmo que não seja a ideia cientificamente correta, digamos assim, mas que tem sua natureza no pensamento científico que é próprio do ser humano e que é o que as crianças expressam, um investigar, ter hipóteses, testar hipóteses, então, é na verdade a gênese do pensamento científico. É o que elas tem oportunidade de viver e se a gente considera que o mundo está sempre em mudança e em construção, então, são as crianças que, talvez, mantenham esse olhar para o mundo com essa postura mais investigativa, mas de busca e não de passividade de receber as coisas prontas.

3. Você já teve a oportunidade de ir até a Itália conhecer as escolas municipais de Reggio? Se sim, de que forma impactou no seu trabalho enquanto coordenadora? Lá há os *pedagogistas* e não coordenador como você vê essa relação entre os *pedagogistas* e os coordenadores?

Resposta: Já fui cinco vezes. Então, na verdade é isso, a organização de Reggio nos convoca a ter outras organizações dentro da instituição e fora da instituição. Eles escolhem, justamente, para que não se caia em uma vala comum, dar novos nomes para os papéis que vão ter funções diferentes do que é o usual. Tudo em Reggio é muito em equipe, então, você tem funções

diferentes como o *atelierista*, o *pedagoga*, os educadores de cada grupo que eles chamam de seção, da cozinheira que faz parte também central da organização. Mas eles funcionam sempre de forma bem colegiada, então a ideia do *pedagoga* lá, inclusive ele pode ser *pedagoga* de mais que uma escola. É alguém que provoca o diálogo, o aprofundamento em algumas questões, mas que a função dele sempre se dá em parceria com os *atelieristas* e os professores. É um pouco diferente do papel do coordenador pedagógico que temos tradicionalmente no Brasil, mas aqui na escola a gente também tem uma situação de coordenação colegiada, então os *atelieristas* fazem parte da coordenação, então da minha responsabilidade seria essa parte dos aspectos pedagógicos mesmo. Os *atelieristas* fazem esse diálogo do pedagógico com as diferentes linguagens e, então, pensamos em como podemos oferecer as crianças outros contextos e possibilidades delas se expressarem de outras formas, mas quem vai puxando isso para o pedagógico é a coordenação. Eu tenho um pouco desse lugar, e tem também a relação com as famílias, com os educadores e as questões mais específicas são feitas comigo. Mas lá ajuda a gente nisso, a sentir que existem outras possibilidades de você exercer esses cargos que, por vezes, são muito solitários e que tem uma verticalidade grande, como se houvesse uma hierarquia do professor para o coordenador e, na verdade, é pensar que são apenas funções diferentes que são necessárias, todas elas ao funcionamento e que a gente sempre trabalha na interface com outros profissionais buscando diferentes olhares de uma mesma situação assim como a gente provoca entre as crianças. A gente entende que não temos um olhar absoluto sobre nenhuma questão, então vivenciar isso lá, ver como eles se organizam, isso com certeza ter estado lá, contribuiu para ver isso acontecendo.

4. Para você o que seria uma documentação? Qual a relação dela com a avaliação na escola?

R: Bom, documentação é uma prática de registro, análise e síntese dos processos vividos com as crianças na escola. Esse é um conceito que é cunhado por Reggio e o conceito tem total sintonia com a prática. Na verdade é através da documentação que a gente faz avaliação desses processos porque o que Reggio traz muito é que a todo momento as crianças revelam o

que sabem e o que desejam saber, então as suas curiosidades vão estar presentes nas pesquisas, nas mãozinhas que estão o tempo todo pegando nas coisas, nas perguntas que elas fazem, no que elas desenham e, ao mesmo tempo, obviamente elas revelam aquilo que elas já tem de vivencia, de conhecimento sobre aquilo. E ai pensar que é uma desconstrução de Reggio, por que você vai delegar um momento específico, um instrumento específico como uma prova a possibilidade de acessar o que a criança sabe sobre determinado assunto ou sobre determinado situação ou sobre determinada experiência? Pensando o assunto da forma tradicional que se pensa prova e tudo mais. Então, como tem essa outra compreensão de vida, de escola, de construção do conhecimento, então, na verdade se pensa muito mais conhecimento como processo, essa construção como um processo do que como um resultado. Como um processo, a gente precisa ter formas de acompanhar durante o processo, o que Reggio tem construído e a gente faz aqui na escola também são esses registros contínuos de cada dia e de todos os dias, mas que não são registros aleatórios podem ser registros fotográficos, escritos, em vídeo, de áudio vai depender do seu foco de observação. Porque é sempre uma escolha, não existe neutralidade e por isso também é importante que a gente atue como equipe como falamos anteriormente, porque pode ser que você só consiga enxergar um foco como, por exemplo, as crianças estão interessadas pelos insetos, como os insetos andam, e ai eu estou ali participando e pergunto, mas será que isso não tem há ver com a própria compreensão de si? Da sociedade? Por que elas fazem isso com os insetos? Um outro olhar traz novas possibilidades de compreensão de um fenômeno, só que, por exemplo, se você fosse simplesmente relatar isso. Então, a gente faz uma reunião e você só relata, na narrativa a gente tende a criar uma narrativa que é fechada, que é completa e que vai ter o seu ponto de vista. Se por outro lado, em uma reunião de professores com a coordenação e você leva imagens, falas das crianças, eu vou poder acessar coisas que você não acessou, então, por isso que é tão importante que a gente tenha esses registros e poder dialogar. E a partir dos registros que a gente identifica que são questões investigativas para as crianças, coisas que elas estão se debruçando a gente pensa em agregar novos contextos, novos materiais,

novas situações para que as crianças possam ir expandindo e, inclusive, colocando em confronto suas próprias hipóteses. A partir do que a gente documenta, que a gente vai pensando no dia seguinte, o que vamos fazer a seguir. Mas aí é o que eu falei, precisa ter algum foco, pode ser o foco “eu quero saber o que as crianças pensam sobre escola” esse pode ser um foco. Depois, eu posso transformar esse foco em que ideias as meninas têm sobre escola. Será que elas pensam iguais aos meninos? Pode ser um foco. Será que crianças que viveram outras experiências escolares vão ter o mesmo pensamento? Provavelmente não, então, a gente vai fazendo, enquanto pesquisador, essas hipóteses, essas formas de encontrar isso. Se eu registro tudo, primeiro que a gente não consegue registrar tudo e depois não sabe o que fazer com tudo aquilo que registrou. É importante sempre ter foco. Meu foco é ver como as meninas pensam e, aí, de repente tem alguma situação que me chama atenção, outro aspecto e, aí, eu posso deixar aquilo registrado lá e depois eu vou criar um contexto para observar essa situação. E assim, a gente vai construindo isso no cotidiano. Então, a prática de documentação vem dessa perspectiva tanto da mudança quanto a partir de como se constrói conhecimento, da ideia de que os conteúdos não são previamente definidos. Porque se você tem que fazer todos esses conteúdos, um após o outro, aquela documentação vai ser mais um registro do que uma possibilidade de relançamento, que é como a gente chama. De avaliar por onde as crianças estão indo e lançar uma outra situação, então, a ideia da documentação é que ela possa estar sempre alimentando as experiências que são vividas com as crianças.

5. Como coordenadora, de que maneira você apoia o trabalho dos educadores?

Resposta: De muitas formas, eu acho que, sobretudo nos encontros que a gente tem semanais com o grupo de educadores, a gente tem encontros individuais com os educadores de cada grupo. Então, temos isso de ser outro olhar sobre as experiências vividas e o fato de ter ido, algumas vezes, a Reggio, de ter um repertório nesse sentido também, de alguma forma, ajuda por ser uma abordagem nova. A compreensão do projeto tem também ações mais formativas e, aí, tem algumas coisas que a gente faz, aqui, na escola de

organização de ambiente, de Caderno de Experiência que são os instrumentos que revelam nossas aprendizagens, nossas experiências, memórias significativas das crianças em determinado período. Então, eu ajudo a pensar, eu faço a revisão, ajudo a organizar isso. Tem situações específicas de algumas crianças dos grupos de questões familiares, coisas nesse sentido.

6. Enquanto coordenadora, você produz documentação?

Resposta: Sim, todos nós produzimos documentação. Obviamente, a maior parte dos insumos para as documentações de cada grupo vai vir dos educadores de cada grupo ou dos *atelieristas* que, em algum momento, também fazem registros, mas vem a maior parte, obviamente, dos educadores que passam a maior parte do tempo com as crianças. A gente faz esse processo junto de análise, as vezes, a materialização da documentação se a gente transforma ela em cartaz, em pôster ou algo assim, muitas vezes, sou eu que faço essa edição final, digamos assim. E nos Livros de Memória também, mas é sempre algo feito a muitas mãos.

7. Há algo mais que você deseje falar sobre a documentação que acontece nessa escola?

Resposta: Olha, internalizar esse processo de documentação como avaliação, como uma escolha, como eu tava falando anteriormente, nos focos, entender, por exemplo, quando se transforma uma documentação, que sai do registro porque a gente pode ter pastas com documentações, a gente pode ter isso visível. Caderno de experiência é uma documentação. Então entender que a documentação a depender de quem vai ser o interlocutor, se as próprias crianças, se vai ser outros educadores, se vai ser famílias, então, ele pode ter formatos específicos, apresentações distintas quanto a estética, a forma que a gente vai organizar. Isso é algo que não é tão simples. São muitas coisas, na verdade, para se pensar, e que transforma muito o lugar do educador. O educador que, usualmente, está a frente conduzindo os processos e ele passa a ser o que organiza os contextos, pensa com as crianças um pouco aquilo, mas deixa as crianças viverem aquilo, registrar para estar ali em outro lugar. São muitas desconstruções e a gente sente que é algo que está em construção, desde a dimensão de como registrar, enquanto, estou com as crianças, como ter uma presença ativa e ao mesmo tempo registrar. O que

registrar. O foco pra mim, é uma das questões mais importantes, mais difíceis de desenvolver, de identificar qual é o foco. Porque a principio se tira foto de tudo, se registra todas as falas e depois não se sabe o que fazer com isso tudo. Ou depois onde é que eu armazeno? São questões de muitas ordens. Como é que eu compartilho? Eu tirei duas mil fotos, eu compartilho duas mil fotos? Que tempo eu vou ter para selecionar essas fotos? São questões de muitas ordens que vão sendo aprendidas e a gente vai encontrando também estratégias para tornar isso mais possível, mais efetivo, mais partilhado. E o que eu sinto é que a cada ano a gente tem um desafio. Esse ano, a gente conseguiu, talvez, superar o desafio de partilha de materiais com o grupo de whatsapp, só para compartilhar as fotos, registros de falas, de coisas, muitos grupos usam o whatsapp ou o Google drive e ai a gente consegue interagir, de alguma forma, em um tempo menor. Foi um ano em que a gente deixou pouco visível os materiais expostos para a família, coisas que a gente fazia mais em outros anos. Eu sinto que a gente ainda está encontrando algumas formas de agregar tudo isso e para que a documentação, realmente, cumpra mais ainda com o seu papel de tornar visível a aprendizagem das crianças. A ideia é essa e que a gente também possa pensar sobre essas aprendizagens e as famílias também. É um desafio também para a família compreender que não é uma nota, um conceito, uma descrição de habilidades, por exemplo, a gente vai relatar situações, as experiências, o significado daquilo para as crianças porque são múltiplas as habilidades envolvidas em cada experiência vivida, muitas competências, muitas atitudes. A gente vem pensando como colocar algumas palavras em negrito, ou maior ou conceitos. São coisas que a gente vai aprendendo como fazer e construindo isso como saber coletivo.

8. As crianças participam das documentações?

Resposta: As crianças, especificamente do fundamental, elas têm começado a participar, por exemplo, do Caderno de Experiências. O que elas desejam deixar registrado ou rever no Caderno de Experiências como atividade de metacognição. Elas veem a experiência que o professor selecionou e trazem mais comentários e pensamentos delas sobre aquelas situações. Com as crianças menores, a gente tem mais o movimento de partilhar algumas coisas com elas, nessa perspectiva, de ser uma possibilidade de metacognição, de

reconhecimento. Para ver o que elas trazem sobre as situações vividas. A gente imagina que a medida que elas forem crescendo, elas vão participando mais ainda, mais ativamente da produção mesmo. Dessa análise do que aconteceu sim, mas de pensar documentação como registros ainda não, só dessa forma.

Após ouvir a coordenadora Vermelha, foi possível, já, na primeira questão, observar algo que despertou atenção: pensar que a educadora Vermelha possui a formação para ser *pedagoga*, pois Rinaldi (2017, p.12) ao falar sobre as terminologias tão próprias de Reggio explica que os *pedagogistas* possuem formação em pedagogia e em psicologia. Filippini (2016, p.117) explica que o pedagogo é, de certa forma, uma repaginação própria da pedagogia de Reggio sobre o coordenador pedagógico. É interessante pensar em alguém com essa dupla formação, pois assim, teoricamente, consegue acessar saberes e conexões, o que seria mais complexo de realizar com apenas uma formação.

Enquanto pesquisadora e estagiária a presença familiar nos processos da escola, me surpreendeu de forma positiva. É prazeroso ver as famílias dedicadas a educação de suas crianças. Pensar no que Vermelha traz, de que em Reggio toda uma cidade e comunidade se dedicam a essas crianças chega a parecer uma utopia se comparada a realidade da maioria das escolas públicas de Salvador – BA.

A coordenadora Vermelha explica o papel do *pedagogo* e compartilha o encantamento que Reggio transmite para os profissionais da educação. Ela acrescenta uma observação de que não alcançamos somente com a literatura, que é um trabalho em conjunto e que as decisões partem de um formato similar a um colegiado. Acredito que independente da metodologia e da abordagem, isso é algo muito rico a se pensar para toda a educação. Descentralizar as decisões que seriam tomadas, apenas por uma pessoa, é algo valioso no sentido de que serão mais conhecimentos, mais histórias sendo levadas em consideração antes da tomada de decisões finais.

No que diz respeito as documentações, objeto de nosso estudo, a coordenadora Vermelha aponta questões importantes e faz relatos de uma forma significativamente preciosa. É poder pensar sobre a possibilidade de todos os educadores se escutarem e acolherem os pensamentos dos outros para juntos pensarem no melhor para cada criança e perceberem coletivamente seus processos

de construção de conhecimento. Processos esses que são dos educadores e das crianças, pois ao compartilharem estão também produzindo e ampliando os seus próprios conhecimentos.

Vermelha também afirma que a avaliação é feita através da documentação porque estas informam sobre os processos das crianças sobre como constroem seus conhecimentos e isso acontece o tempo todo. Avaliar, a partir da abordagem de Reggio seria perceber isso acontecendo na prática, no cotidiano e não delegando um momento específico e único, como por exemplo, para realizar uma prova.

Vermelha, ainda, ressalta a importância de ter um foco no momento da documentação porque aparecem diversas hipóteses, nas falas das crianças e devemos pensar na convergência desses interesses. O que interliga esses interesses e esses desejos das crianças, seria o foco da pesquisa e da documentação. Vermelha também afirma que, enquanto coordenadora, apoia os professores a encontrar esses focos porque não há neutralidade. O foco é necessário para nortear o trabalho. Porém, é difícil de encontra-lo e por isso é necessário trabalhar juntos.

No próximo quadro seguem as entrevistas das educadoras de referência do grupo Imaginativo, que possuem maior familiaridade com as crianças e as documentações desse grupo.

Quadro 2 – Educadoras Verde e Branca

EDUCADORAS: VERDE E BRANCA
1. Qual a sua formação? E há quanto tempo você trabalha na Escola Casa da Infância?
RESPOSTA EDUCADORA VERDE: Minha formação é psicóloga, pedagoga e pós-graduada em psicopedagogia. Como educadora eu trabalho, aqui, há um ano e fiz dois anos de estágio.
RESPOSTA EDUCADORA BRANCA: Sou pedagoga, minha especialização é em educação de jovens e adultos, porém atuo há mais de 25 anos como professora, como professora formadora de outros professores, também trabalho com atividade de consultoria e assessoria em educação. Tenho experiência tanto em instituições educativas, escolas, como também em contextos organizacionais com inserção do pedagogo apoiando na construção de programas de desenvolvimento em

tecnologia pedagógica, por exemplo, em educação profissional nas grandes organizações.

Além de ser professora, também já atuei como coordenadora de várias instituições de médio e grande porte e assessoria estratégica pedagógica também em escola de grande porte com 3.500 alunos.

Como vínculo formal eu trabalho na Escola Casa da Infância desde o ano passado, desde 2017 como professora responsável pela implantação do Ensino Fundamental.

2. Como é o seu cotidiano com as crianças do Ensino Fundamental?

RESPOSTA EDUCADORA VERDE: Com o grupo do fundamental, no ciclo um, eu fico só pela manhã, eu fico três horas com o grupo. Mesmo assim, eu participo da projeção, do plano de possibilidades junto à outra educadora Branca. Eu organizo algumas documentações do que foi vivido, planejo, dividido com a outra educadora. E é pensado em cada grupo de crianças fazer proposta um grupo comigo e outro com a outra educadora.

RESPOSTA EDUCADORA BRANCA: Meu cotidiano com as crianças começa quando eu estou pensando na projeção, do que fazer com eles, do como fazer a partir dos indícios, das coisas que eu escuto, dos processos vividos com as crianças no dia anterior. A gente não trabalha aqui com a perspectiva de planejamento, porque dentro do nosso entendimento o planejamento se torna algo engessado, estruturante e necessário, mas algumas instituições tratam como algo de programação. A gente trata como projeção na perspectiva de um pensamento projetivo, é no vivido que se discute e se projeta novas possibilidades de construção de aprendizagens que são relançamentos que surgem, a partir das relações com as crianças. Tem o encontro do acolhimento com as crianças, eu chego em sala de aula, a partir das 8h e elas vivem vários processos de acolhimento. Eles fazem escolhas de estarem juntos, brincando com jogos de mesa, dando continuidade as suas pesquisas, fazendo brincadeiras simbólicas. Depois temos o encontro que é na assembleia onde eu apresento um plano de possibilidades a partir dos indícios e vestígios que eu coletei para dar seguimento. É importante dizer que nem tudo nasce da escuta, mas toda atividade é intencional, ela tem um propósito educativo então a gente no Ensino Fundamental tem um marco regulador que é a Base Nacional Curricular Comum que traz diretrizes sobre competências mínimas

obrigatórias a nível nacional e que as crianças precisam conquistar ao longo de um ciclo no Ensino Fundamental. Então, me organizo também nisso, nem tudo nasce da observação e da escuta ativa e atenta em relação às crianças que eu coletei, mas também das expectativas de aprendizagem colocadas em uma esfera nacional e aliado também com a expectativa de aprendizagem das crianças e das famílias e também da escola como instituição nesse contexto. A gente tem no Plano de Possibilidades, uma cotidianidade de várias propostas em que eles fazem escolhas baseadas nessas intencionalidades e também nas metas de aprendizagem que a gente traça em conjunto com as famílias e com as crianças do que a gente imagina que pode ser construído ao longo de processo. As crianças trazem o que elas gostariam de aprender que vai muito além do que está colocado na Base nacional comum curricular, então, a gente tem criança de 7 anos, 8 anos que tem interesses em estruturas narrativas de texto, coisa que se vê no Ensino Fundamental II. Criança discutindo sobre tempos verbais, a gente procura não dar nomes para essas coisas, mas que a criança entenda, construindo uma compreensão progressiva, compreendendo a aprendizagem como andaime mesmo. A partir do que elas trazem a gente vai criando tensões cognitivas, conflitos cognitivos para que elas possam dar um salto qualitativo naquilo que elas têm de aprendizagem. Quem está com a gente, as vezes, pensa que é tudo muito fluido, que é muito fluido mesmo, mas que assim as coisas correm sem uma clareza da delimitação do que se quer, do que se espera com na nossa abordagem, porque é uma educação numa perspectiva democrática, libertaria, libertadora, mas em si, ela tem muita intencionalidade e, em si, os objetivos e as expectativas são públicas e compartilhadas entre famílias, educadores e as próprias crianças, elas sabem onde elas estão e onde elas precisam chegar para conquistar um salto qualitativo. Cotidianidade nasce dessa projeção, desse acolhimento, desse encontro na assembleia que vem com esse Plano de Possibilidades, que elas fazem escolhas e constroem o seu Plano de Trabalho e, ao longo do dia, elas se organizam sempre em pequenos grupos, no mínimo dupla, pouquíssimas vezes elas trabalham individualmente. Temos uma criança em especial que trabalha muito no individual neste grupo do Ensino Fundamental, mas ela é sempre encorajada a estar no mínimo em uma paridade porque a gente cresce na relação, a gente acredita que a aprendizagem é relacional, ela precisa ter outro olhar, um confronto, uma paridade

para ter empréstimos de saberes, ter uma circularidade de ideias e que possa confrontar o seu olhar e pensar além das questões que ela está trazendo. É nessa cotidianidade que me coloco, não como professora no sentido de ser quem sabe mais, mas como parceira aquela que ajuda as crianças a pensar sobre os processos vívidos, elegidos por elas ou também que eu elejo pelas crianças. E finalizo o encontro às 16h30min teoricamente, mas eu sempre fico com os meninos até umas 17h finalizando os processos. Um momento que eu sento de novo com eles em assembleia para partilha do que foi vivido, construído, que nível de dificuldade encontrou, se precisa ser relançado, se precisa de mais tempo ou aqueles que se comprometeram com determinadas coisas e não cumpriram e o que isso impacta. O que você elegeu fazer esta relacionada com toda a coletividade desse grupo? Com toda a coletividade da escola? Se você não faz o que você poderia ter feito e em que isso reverbera? E ajudo, junto com as crianças, a ficar refletindo sobre a coresponsabilidade mesmo. Se a gente toma decisões coletivas, a gente implica o outro, então nada se decide sozinho, sempre em partilha. Agora, claro que como são crianças muito pequenas a autonomia se constrói, a aprendizagem é processual. Algumas vezes, algumas crianças, precisam de apoio do adulto como uma possibilidade de estratégia de apoio para sinalizar, olha você se comprometeu com tal coisa já é tal hora e você não se organizou para isso. A gente vai apoiando os meninos porque também é difuso pra eles, apesar da grande maioria desse grupo ser oriundo daqui da escola. Há outras crianças que participaram de outros contextos institucionais, outros modelos e formatos de escola, estão reaprendendo, desconstruindo essa ideia e viver tudo isso é muito difuso e eles precisam de alguns marcadores espaço, tempo para construção progressiva dessa coresponsabilidade no seu processo. O bacana disso tudo na cotidianidade é de que assim, as crianças vão mostrando pra gente que elas podem, sim, assumir responsabilidade, elas podem, sim, responder por ações que envolvem não só elas, mas a vida na coletividade o que é muito bacana. O encontro com elas não finda porque depois eu vou coletar todos os materiais que eu registrei. Nesse momento em que eu estou no pequeno grupo a gente sempre foca no grupo para observação documentando processos porque isso é importante, como as crianças tão pensando e os processos não só tão pensando da linguagem falada, mas do registro gráfico, estruturante do pensamento para entender que ideias seria

espontânea, oriunda do pensamento infantil, estão circulando para que a gente possa relançar. A gente trabalha sempre na Zona do Desenvolvimento Proximal.

3. Quais são as suas impressões sobre a pedagogia de Reggio?

RESPOSTA EDUCADORA VERDE: O que eu tenho da pedagogia de Reggio é um olhar para a criança que investiga, uma criança pesquisadora. Eu não tive oportunidade de viver isso na minha educação e acho que a pedagogia de Reggio vem para dar voz e escuta para essa criança que muitas vezes não é escutada, seus pensamentos de forma real e não um pensamento adultizado e, sim, um pensamento genuíno, um pensamento investigativo da criança.

RESPOSTA EDUCADORA BRANCA: Então, eu sempre digo as pessoas que depois que eu conheci a abordagem educativa de Reggio, a Pedagogia da Escuta, a Pedagogia Relacional, eu sou outra educadora. E, de fato, uma experiência transformadora porque não tem como depois que você se predispõe a estar em diálogo com essa abordagem, essa pedagogia, você ser a mesma educadora. Você mergulha em si mesma, você se transforma filosoficamente. É todo um rompimento de paradigmas, de crenças, ideias e valores, de educação, de política, de ética, de estética, de contexto educacional de comunidade em aprendizagem que de fato faz a gente refletir muito do que acontece no cotidiano das escolas e entende de que forma as escolas como reflexo interlocutora dessa realidade ela pode oferecer apoios para as crianças como seres que não são preparados para a vida, eles já estão na vida, mas com certa inserção positiva, proativa, protagonista de uma forma progressiva porque ninguém é protagonista todo o tempo, mas com muito respeito muito valorização dessa cultura da infância respeitando e entendendo a criança que é sempre um sujeito de muitas possibilidades que tem infinitas portas de aprendizagem. Por isso a ideia das cem linguagens, cem mais cem mais cem porque as crianças não são só aquele momento do olhar recortado mas é sempre mais. É entender ela, é olhar para uma criança de uma forma sistêmica, a criança está vivenciando processos e reagindo de uma forma tem toda uma história, toda uma trajetória que ajuda a gente a entender o porque daquele traçado, o porque daquela gráfica, o porque daquele comportamento, o porque daquela forma de se expressar muito própria, então, confronta isso com outras ideias e buscando não tratar ninguém como um coitadinho, mas sempre como um sujeito de muitas possibilidades. Assim, a minha ideia e experiência e inspiração em Reggio é porque

eles fazem isso de uma forma muito competente. As crianças sempre são vistas como sujeitos de muitas possibilidades, os educadores são aqueles que ajudam a interpretar sempre em relação porque cada interpretação, as documentações nada mais são do que processos metacognitivos formativos desse professor ,então, eu não estou comunicando um processo de aprendizagem de Marianna em relação com fulana, eu to comunicado também o meu olhar, o que eu sei sobre aquilo. Se eu não sei determinada coisa, se eu não estudei, eu olho para determinada situação e não vejo nada. Olho de novo e não vejo nada, mas Mari viu essa questão da autonomia moral e eu só vi a questão vinculada a espaço e forma com essa escultura e essa construtividade aqui. Reggio traz essa forma de olhar de forma sistêmica e também sistêmica para o currículo, o currículo multirreferencial coisas que a gente vê na universidade, nas academias tratando de forma isolada Dewey, Vygotsky, Wallon, Piaget, Brunner e outros mais. Eles tratam isso de uma forma muito inteligente, de forma muito relacional. Tanto é que nos livros que falam da abordagem de Reggio que tem a fala de Loris Malaguzzi que rasga a literatura acadêmica ele não está negando a universidade, é claro que é metafórico mas pra poder dizer que é a teoria em ação. Primeiro não se estuda pra depois colocar em pratica, a gente aprende na pratica. Então olha com fidedignidade os processos vividos, as narrativas vividas, coleta sempre fotografias, dizeres em relação porque frases aleatórias não comunicam muitas coisas, mas assim o confronto do pensamento de um com o de outro pode partir do que eles estão trazendo. A gente se depara, enquanto educador, dentro dessa abordagem para buscar possíveis interpretações. A inspiração, nesse sentido, em perspectiva comunitária, porque para interpretar eu preciso ter uma paridade, de no mínimo, ter um educador com copresença, ter um estagiário, um *atelierista* para ajudar a ver algo de outras perspectivas que a gente não tinha se dado conta ainda, então, a gente sempre busca confrontar porque é no confronto que a gente aprende. Reggio me transforma, justamente, nisso pela possibilidade de escutar, de olhar para além do obvio, para além do não dito, dá possibilidade de dar escuta a subjetividade humana entender que as crianças precisam, necessitam e desejam um cantinho de intimidade pra ela ficar em contato com ela mesma, brincando com as coisas delas, coisas que se você for observar nos currículos, as crianças maiores não tem mais isso. Brincar de casinha? Um cantinho pra si? Não, aquela programação daquelas

coisas que as crianças nem optam direito se aquelas são as escolhas do desejo dela enquanto sujeito de aprendizagem. E Reggio me convoca sempre a pensar nos processos educativos na sua dimensão política, ética e estética. De fato, ele me transformou, enquanto educadora, enquanto ser humano, por conta da perspectiva sistêmica.

4. Você já teve a oportunidade de ir até a Itália conhecer as escolas de municipais Reggio? Se sim, de que forma impactou no seu trabalho enquanto educadora?

RESPOSTA EDUCADORA VERDE: Eu não tive oportunidade, mas está nos meus planos ir no ano que vem. Quero ir pra Reggio porque me sinto com poucos fundamentos.

RESPOSTA EDUCADORA BRANCA: Então, eu sou membro fundadora da RedSOLARE Brasil junto com Marília Dourado que é a representante nacional, legalmente. Eu respondo como vice-presidente legal mas por conta de outros projetos quem assume a vice representação é Soraya. E como membro fundadora sou atuante na missão da RedSOLARE Brasil que é a difusão das ideias de Reggio no Brasil e na América Latina e o compromisso com a valorização e o respeito a cultura da infância. Então, já fui algumas vezes a Reggio, mas não sei ao certo quantas. A RedSOLARE, desde 2012, organiza dois grupos de estudos em Reggio por ano, além do encontro do Networking da Reggio Children. Fora isso, muito contato com a literatura. A RedSOLARE é responsável pela tradução de quase todos os livros para o português.

5. Para você o que seria uma documentação? Qual a relação dela com a avaliação na escola?

RESPOSTA EDUCADORA VERDE: Documentação é um documento que revela todos os processos pensados pela educadora e vividos pelas crianças. E a partir do que é vivido pelas crianças, o que aprofundar, o que é explorado, a escuta que tivemos com as crianças com o seu processo investigativo. A pesquisa em si, para onde vai, de onde surgiu. É um documento também avaliativo onde revela os pensamentos, as ideias, as hipóteses que foram refutadas ou confirmadas pelas crianças. É um material que temos como avaliação.

RESPOSTA EDUCADORA BRANCA: A documentação dialoga com a avaliação, a documentação é uma forma de interpretação dos processos vividos, das situações

vividas, elas comunicam uma estratégia do princípio estético na abordagem educativa de Reggio, fazem parte do currículo de Reggio, de dar visibilidade aos processos construtivos das crianças. A documentação tem esse caráter também, ela é formativa e ela é formadora. As documentações revelam os processos vividos tanto das crianças que fazem parte dessa documentação, como dos educadores pelos motivos os quais eu citei anteriormente, quem revela, quem elege, depende muito do seu olhar para a situação, então, revela muito do seu processo de construção, enquanto educador também, na estratégia pedagógica do princípio estético que comunica, da visibilidade as aprendizagens das crianças.

6. O que você considera como fundamental para construir uma documentação? Como é realizada a documentação? As crianças participam desse processo, de que forma?

RESPOSTA EDUCADORA VERDE: Primeiro, a pesquisa do educador, a escuta do educador para saber o que as crianças querem investigar. Depois disso, compreender as palavras chaves para fazer relançamentos na pesquisa. A documentação é realizada através de um processo de junção de relatos, de registros de foto, de pesquisa científica, de escuta, de fala e uma interpretação disso tudo. As crianças participam vivendo esses processos e quando a gente apresenta os processos de documentação para elas. A documentação nunca é finalizada só pelo educador, queremos um olhar interdisciplinar, aí tem o olhar da criança, do *atelierista*, de outros educadores, para termos relançamentos, outros pensamentos, hipóteses, o que as crianças pensam sobre aquele pensamento, se é o mesmo, se já mudou, como ela se via, como ela se vê agora. Isso tem a ver com o processo de participação das crianças.

RESPOSTA EDUCADORA BRANCA: Primeiro, como fundamental, é você estar imerso na situação observada, estar sempre com alguma coisa para poder fazer registro, seja um celular, seja uma câmera para gravar imagens, áudio, tirar fotografias, papel, caderno, caneta como instrumentos basilares como o processo de documentação e escutar. Essa escuta, sem fazer inferência, a gente quando adulto faz uma interferência, há uma tendência de mesmo que inconsciente de dar um tom adultocêntrica a situação.

Algumas situações de documentações em processos, você já identifica algumas pistas e vai dando continuidade. Outras situações acontecem pelas situações

espontâneas do vivido mesmo, e, aí, cabe esse olhar muito atento, uma escuta muito ativa, presente, para o que está acontecendo nos processos do grupo. Claro que o educador tem que fazer escolhas, não dá pra você estar em todos os pequenos grupos, você elege, então, hoje eu quero documentar o processo desse grupo porque eu quero entender, por exemplo, o pensamento geométrico, espacial desse grupo de crianças aqui. Em que momento eles estão, quais são os empréstimos de saberes, o que eles estão trazendo, que ideias eles estão trazendo, que teorias estão trazendo, e como é que eu posso relançar isso tudo. A gente não documenta só para colher pistas, como eu apoio para que esse sujeito, essa criança, dê um salto qualitativo e tenham uma progressão da sua aprendizagem e vá sempre muito mais além então o básico. É isso. Feito isso você sentar com o seu par que pode ser sua copresença com o professor parceiro, com o estagiário, com o coordenador, *atelierista*, outro professor de outro agrupamento para poder confrontar. A gente nunca senta sem ter material na mão, não dá pra conversar só sobre a minha interpretação, então, estou falando sobre determinadas coisas, mas eu tenho fotografias, eu tenho anotações porque eu sou fidedigna a, exatamente, o que a criança trouxe, porque aí entra a questão da ética mesmo. Assim, eu não trago nenhuma tendência, eu trago uma narrativa com pistas com evidências objetivas, do que se passou sem fazer inferência. A partir daí, eu vou montando as narrativas e trazendo questões que eu estou pensando, questões que as crianças podem fazer ao pensar determinada coisa, ao dialogarem quando o outro contrapõe faço intervenção. O outro que eu digo é a outra criança, com determinado aspecto. O que ele está tentando dizer com isso, então, vou coletando tudo isso, coloco em circularidade para poder me apoiar na construção dessa documentação.

As crianças maiores, sim, então, sempre que eu faço uma documentação, quando está nascendo algo, que eu observo algo que vai ser um bom relançamento, um bom aprofundamento, eu to documentando, então, quando eu organizo mais ou menos eu mostro para as crianças e pergunto se faz sentido. Digo pra eles que é interessante para colocar no Caderno de Experiência, que é onde a gente comunica além de ter as paredes, como segunda pele, relevando processos, mas eu faço minhas histórias e compartilho. Eu pergunto a criança se faz sentido pra ela, eu identifiquei que você estava muito curiosa nesses aspectos, só que quando você tava fazendo isso sua colega fez isso, entendeu o que ela disse? Faz sentido pra

você também? Eu vou compartilhando com eles e, muitas vezes, eles trazem interpretação deles, é bacana quando trago esses processos, eles ocorrem muito no Caderno de Experiência. As grandes documentações, eu sempre partilho também, trago para a assembleia, mostro pra eles. Nesse pequeno grupo se pensou isso, isso e isso sobre como se aprende um segundo idioma. O que vocês pensam sobre isso? Tem as mesmas ideias, pensam diferente? É uma forma de implicar eles, nas minhas interpretações que é apenas um olhar sobre o que está em circularidade, mas eu convoco as crianças também intencionalmente.

7. Na projeção existem os questionamentos da pré-figuração, como elas surgem, elas são respondidas e de que forma, essas respostas são documentadas?

RESPOSTA EDUCADORA VERDE: Algumas pré-figurações são estabelecidas pelo MEC, que são alguns conteúdos que a gente precisa trabalhar de forma pedagógica mas como serão trabalhados é uma escolha do educador e alguns surgem do interesse das crianças que a gente identifica que ali é uma pergunta. E a partir disso, a gente vai desenvolvendo o Plano de Possibilidades que vira Plano de Trabalho de cada criança. Algumas perguntas são complexificadas e outras são respondidas bem ingenuamente pelas crianças. Isso é um exercício para todo educador, não é uma coisa fácil para compreender. Um processo de pensar na pergunta, pensar o que as crianças estão vivendo. Se já foi respondida, se pode ser respondida de outra forma, se pode ter um relançamento da pergunta. É um desafio para o educador.

RESPOSTA EDUCADORA BRANCA: As pré-figurações são hipóteses, nossas teorias sobre os processos educativos vividos, as escolhas colocadas nessa projeção que são pautadas nos indícios e nas pistas que as crianças trazem na cotidianidade, então, o que elas estão fazendo e também daquilo que são necessários para a gente gerar situações para que as crianças construam porque nem tudo vai pelo viés da investigação por isso que tem as mesas de trabalho de matemática, então, o que eu quero com a estação de matemática? Eu trago várias situações problemas contextualizadas que tenham sentido e significado para as crianças que elas possam fazer escolhas, mas que elas tenham oportunidade de resolver problemas que, por exemplo, do eixo da matemática e números e sistema decimal, de grandezas e medidas, tratamento da informação. Coisas que são

importantes e estão colocadas nos marcos regulatórios como a BNCC e que a investigação por mais que seja e tenha portas de entradas e chegadas infinitas. A gente precisa porque temos uma exigência legal colocada, então, assim as pré-figurações nascem dessas situações é sempre com intencionalidade e elas trazem essa hipótese progressiva. Não sei se você observou no nosso Plano de Possibilidades tem um quadradinho lá que coloco, longo em baixo da relação das crianças do grupo, tem lá as nossas pré-figurações, tem lá um quadradinho vinculado, embora a gente não se organize fragmentando mas por uma organização didática e a gente tem que responder ao marco regulatório, preposições relacionadas a oralidade e produção de leitura e escrita cotidianamente, ai tem várias situações do cotidiano, aquilo corresponde ao que? Que ideias e teorias as crianças tão trazendo? E como eu tenho provocado elas para darem um salto? A ideia é que essas pré-figurações não fiquem eternas, elas vão mudando também porque o meu olhar, minha observação, meu registro, minha sistematização sobre o pensamento das crianças sobre produção de leitura, produção de escrita, por exemplo, vai ampliando a medida que elas vivem determinadas situações. Então, você me pergunta: Como?

Inicialmente, quando as crianças estavam na conquista da base alfabética eu trazia muita leitura enigmática, alguns desafios como jogos de forca para descobrirem quem iria ser o moderador da assembleia ou quais as frutas do lanche. Hoje, isso não é mais desafio para os meninos, então, a minha pré-figuração, minha hipótese é de desconhecimento, não do já conhecido, é importante trazer isso porque é um processo de investigação também sou um sujeito aprendiz, eu também sou pesquisadora com as crianças então pré-figurações são sempre de desconhecimento, não do já conhecido, que vão modificando, se transformando e me dando dicas de que elas estão avançando cognitivamente ou socialmente, emocionalmente naquilo que é o objeto da observação, naquilo que eu coloco na minha projeção, por exemplo.

8. Quais instrumentos são utilizados na construção de uma documentação?

RESPOSTA EDUCADORA VERDE: As falas das crianças, desenhos, questionamentos, palavras-chave, fotos, pensamento científico. Alguns dos autores que a gente se baseia nos estudos, própria pedagogia de Reggio. Os diálogos entre

as crianças e os educadores.

RESPOSTA EDUCADORA BRANCA: São variados, como eu disse anteriormente, maquina fotográfica, filmagem, caderno para anotações. É importante trazer que não tem padrão, cada professor constrói seu instrumento diante daquilo que se acha mais confortável, mas é importante que tenha sempre instrumentos para registro.

9. No Ensino Fundamental você trabalha em paridade, qual importância você atribui a isso? No Ensino Fundamental no currículo da escola está posto algumas linguagens como musica, artes e inglês como ocorre a relação com esses educadores? Eles constroem documentação junto com as educadoras de referência?

RESPOSTA EDUCADORA VERDE: Trabalhar em paridade é um desequilíbrio para o outro educador. Por que precisa de dois ou três educadores na sala? Porque um olhar só não consegue compreender as diversas linguagens que as crianças apresentam, então, um educador em parceria desequilibra. Desequilibrar é pensar em formas que contemplem todas as crianças porque a gente não tem uma criança só, a gente tem crianças diferenciadas, pensamentos diferentes, então, um educador pode atender um grupo num momento com uma proposta, o outro educador também e é um desafio porque cada um traz um olhar, uma perspectiva, então, se torna um desafio. E se torna também um processo de pesquisa, que cada um vai apresentar a sua pesquisa. Isso pra mim, ainda, é difícil.

Há um pouco de dificuldade de manter uma comunicação em relação o que é vivido e a pesquisa, mas buscamos ter uma frequência, uma vez por mês, tem um encontro com todos para a gente pensar em conjunto o que vai ser proposto para esse grupo. Nos estamos vivendo isso na linguagem matemática, na linguagem da língua portuguesa e como isso pode se comunicar com o atelier, com a musica, com a arte e com o movimento. Isso é pensado em conjunto, é um aprendizado.

RESPOSTA EDUCADORA BRANCA: Eu encontro o meu saber com o outro, por isso o trabalho é no mínimo em paridade para que tenha a possibilidade de construir junto, aprender com, aprender na coletividade. Isso não deixa de legitimar a individualização, eu sei que sei quando eu estou nesse confronto com você. A paridade, o pequeno grupo é pra isso. Porque é do humano andar em pequeno grupo, então, se produz muito quando a gente está num pequeno grupo, tendo essa

possibilidade de confronto. De saberes, de empréstimo, de ideias, de circularidade, de olhares sobre um mesmo objeto da investigação. Atribuo a isso a própria riqueza do processo, então, se eu tenho essa paridade esse pequeno grupo, eu tenho a possibilidade de gerar possibilidade de encontro para que todos se escutem. No Ensino Fundamental, o currículo está posto em todas as situações, ele responde o porque, o onde e o quando, como o ambiente do Ensino Fundamental está organizado, ele responde ao currículo da escola, ao PPP da escola, tudo é intencionalidade. Porque não tem mesa pra todo mundo? Por que não cadeira para todos? Por que tem uma assembleia? Por que se fazem determinadas escolhas, como deixar a documentação visível para as crianças? Quem responde isso é o currículo, que responde nossas crenças, ideais, princípios e valores.

10. Toda pesquisa gera documentação? Como é feita a seleção do que se torna documentação?

RESPOSTA EDUCADORA VERDE: Nem toda pesquisa vira uma documentação exposta. A partir dos registros diários (falas, descrição e fotos) conversamos em parceria com a coordenação pedagógica e *atelierista* e identificamos as palavras chaves, o que as crianças estão querendo investigar. Com as palavras chaves é feito os relançamentos que viram propostas, essas são documentadas e analisadas. A documentação não é um processo final e, sim, simultaneamente com o vivido. A Casa da Infância é muito nova pra mim, então, em algumas coisas estou em constante aprendizado.

RESPOSTA EDUCADORA BRANCA: Ou vice-versa, depende de qual o seu propósito. Eu acho que é importante, a gente parar para pensar toda pesquisa gera uma documentação? Eu diria que sim. Porque a gente se organiza pela documentação, interpretação dos processos, agora o que acontece têm algumas documentações sujas. O que são documentações sujas? São aquelas documentações que a gente faz no pedagógico que não é compartilhado, têm documentações que é para publicar e compartilhar com a família, documentações que são feitas para compartilhar processos com outro educador são vários propósitos comunicativos que vai depender do nosso interlocutor. A pesquisa é em si uma documentação porque para pesquisar eu tenho que ter indícios, eu tenho que ter registros, sejam fotografias, falas, nunca nada isolado e algo que tenha uma

progressão, por assim dizer, que possamos aprofundar. Agora se você perguntar se tudo é publicado, não nem tudo é publicado.

É interessante pensar nas partilhas de conhecimento que ocorrem entre Verde e Branca, enquanto parceiras, porque Verde é uma educadora que está iniciando sua carreira e Branca possui vinte e cinco anos de experiência em educação. As especializações também são outra fonte de experiências para elas porque se diferem bastante, o que fornece pontos de vistas diferentes sobre as experiências.

A educadora Branca por já ter estado em Reggio e visto na prática essa educação, algumas vezes, tem uma visão mais ampliada, mas é rico perceber que as duas se encantam com essa pedagogia que dá voz para as crianças.

Quando Branca traz todo o planejamento por trás das atividades com base no que foi vivido, anteriormente, com as crianças, nos desejos e inquietações delas demonstra que a criança é, de fato, protagonista do seu processo de aprendizagem. Dessa forma, as educadoras possibilitam o processo de continuidade das curiosidades para formar novos questionamentos desses processos. Processos esses que são documentados para surgirem novos relançamentos, alimentando a pesquisa das crianças.

Sobre as documentações, objeto da nossa investigação, as educadoras expõem que a documentação narra o processo vivido por elas e pelas crianças, mas não é apenas uma narração, pois é também uma interpretação que aponta os aprendizados que cada um desenvolveu naquele processo. As documentações conferem visibilidade para os processos construtivos das crianças e dos educadores que participam dessa vivência. A partir dessa vivência, surgem as construções das documentações e permitem a continuidade.

O mais importante, segundo as educadoras, para construir uma documentação é ter registro, utilizar de fotos, de áudios, de vídeos de falas das crianças, além de estar inserido no contexto. Afinal, se não tivermos esses registros, as documentações seriam narrações, apenas do ponto de vista do educador. Os registros produzem legitimidade ao processo.

As educadoras reinteram o que foi dito pela coordenadora, pois falam sobre o foco da pesquisa na construção da documentação. A documentação depende do

seu foco de investigação, a escuta ativa é fundamental para perceber o caminho que as crianças estão percorrendo.

Documentar também é fazer escolhas, pois enquanto educadora, você precisa decidir que grupo acompanhar e nesse grupo perceber que interesse está mais forte para escolher junto com as crianças o foco da investigação. O educador precisa realizar pesquisas para poder aguçar o interesse das crianças, para pensar em estratégias futuras para perceber a mudança do pensamento e os empréstimos de saberes.

A documentação tem como objetivo, além de tornar visível e avaliar as aprendizagens, instigar as crianças para que elas avancem em suas aprendizagens. Por serem abertas as documentações, podem ser revisitadas pelas educadoras e pelas crianças para que seja visto o que elas conheciam antes e o que elas conhecem agora.

As educadoras afirmam a importância da paridade, do trabalho em conjunto que é tão valorizado nas crianças, se reflete também nas relações entre os adultos para a construção da documentação. A documentação não se conclui, apenas, com o educador, é necessária a participação do *atelierista*, de outros educadores, do coordenador. As crianças também participam desses processos, elas o viveram, então, as documentações são apresentadas a elas.

As educadoras explicam que as crianças são apresentadas as documentações em processos, elas podem se perceber como protagonistas e fazerem um processo de metacognição. Elas são veracidade as documentações e atribuem valor a ela, no sentido de ser significativa para elas processo de aprendizagem.

A origem das pré-figurações que trouxeram dúvidas no estudo dos Planos de Possibilidade são explicadas pelas educadoras. Elas são hipóteses que possuem base no marco regulatório do Ensino Fundamental e nas investigações das crianças. As pré-figurações são o que as educadoras desejam conhecer sobre o processo de aprendizagem das crianças.

No seguinte capítulo faremos as análises do vivido durante a pesquisa, através de três categorias formuladas nesse estudo: A documentação em relação com as crianças, com as famílias e com as educadoras. Vejamos.

6 INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DO VIVIDO

É importante lembrar que a Escola Casa da Infância segue a abordagem de Reggio Emilia, mas em outro contexto, com diferentes especificidades. Essa pesquisa não tem pretensão de julgar as práticas da escola, campo do estudo, nem tampouco avaliar as documentações produzidas. O objetivo é compreender de que forma as documentações podem ser um potente instrumento avaliativo. Vale salientar, ainda, que também este estudo não tem a intenção de comparar essa escola com as municipais de Reggio Emilia.

Observar e participar do grupo Imaginativo, ao longo desse ano, como estagiária e em especial ao longo de dois meses como pesquisadora, trouxe reflexões sobre as particularidades que o grupo e a Escola possuem. Foi possível ver e viver na prática, dentro de outra realidade, os ideais da abordagem italiana. Sendo assim, foi possível realizar essa pesquisa que objetiva compreender como a documentação pode ser um instrumento de avaliação na abordagem Reggio Emilia no Primeiro ano do Ensino Fundamental.

Para realizar a análise do vivido, foram formuladas três categorias com a finalidade de organizar os dados e elementos encontrados no campo. Assim, identificamos três indicadores significativos nesse processo e que, se revelam, na verdade, através de três atores importantes e fundamentais, capazes de elucidar suas relações com a documentação: as crianças, as famílias e as educadores.

Desse modo, as três categorias de análise são: 1. Documentação e as crianças, 2. Documentação e as famílias e, por último, 3. Documentação e as educadoras.

Na primeira categoria, Documentação e as crianças, aparecem os elementos capazes de revelar a relação restabelecida entre as documentações produzidas na Casa da Infância e a participação das crianças nessa construção. A ação, as formas, as vozes das crianças.

Na segunda categoria, nomeada, Documentações e as famílias, é possível observar os modos como as famílias estabelecem as relações com as documentações produzidas nessa escola. De que forma ou formas, participam e se conectam com os processos vividos pelas crianças e as documentações.

A terceira categoria, Documentações e as educadoras é o momento em que é possível observar os elementos capazes de elucidar os modos de participação e

relações encontradas e construídas entre as documentações produzidas na Escola e as educadoras.

6.1 AS DOCUMENTAÇÕES E AS CRIANÇAS

Nesse subtópico, as documentações, encontradas e produzidas no campo, foram analisadas, a partir da relação com as crianças. Vale salientar que acreditamos que a avaliação serve a esses sujeitos, pois as auxilia a conhecerem os seus processos de aprendizagem e a localizarem suas dificuldades. Por essa razão e considerando o que foi possível observar na Escola Casa da Infância, concluímos que é uma categoria de análise fundamental.

As crianças da Escola tem uma relação leve e participativa com as documentações. Uma das documentações estudadas foi sobre Escolas, as crianças, que em sua maioria, são de crianças que já estudava na Casa da Infância, estavam curiosas em saber como funcionavam outras escolas e como era fazer prova já que uma das crianças que entrou no grupo esse ano relatou sentir muito medo de fazer provas.

Como dito nas entrevistas e observado em campo, elas participam de forma ativa das documentações. Acho que a forma mais ativa e importante que elas realizam é a construção das metas juntos com a família e as educadoras. As crianças, ao participarem das documentações, são conhecedoras de suas aprendizagens. De acordo com Rinadi (2017, p. 268)

Deveríamos considerar o exame mais detalhado do sistema de documentação, da forma original como se desenvolveu em Reggio e que surgiu, creio eu, mais uma vez, não de uma ideologia, mas da abordagem extremamente inovadora do escutar, tornando as pessoas, assim, mais conscientes do próprio conhecimento e dos próprios pensamentos. (Rinaldi, 2017, p.268)

Assim, Rinaldi reforça a importância dentro da Pedagogia de Reggio e de estarmos conscientes do nosso processo de conhecimento. Sendo a criança protagonista da aprendizagem, pois elabora teorias que orientam o seu percurso de aprendizagem, é fundamental que ela conheça os processos pelo qual ela está passando. Afinal, a imagem da criança Reggio que deseja formar é uma criança crítica, com ideias próprias, questionadora e competente.

Todas as entrevistadas afirmam que as crianças do grupo Imaginativo participam das documentações. A educadora Branca na sexta questão afirma que as crianças participam da documentação desde o seu nascimento. Ela questiona as

crianças se a documentação é coerente com o que aconteceu e se elas se interessam em ter aquela documentação em seu caderno de experiências. Dessa forma as crianças participam da documentação de forma viva e isso é reflexo desse protagonismo, pois dentro da metodologia da Escola Casa da Infância elas podem investigar o que lhes é profundo e significativo. As crianças não têm rotinas inflexíveis e os conteúdos pré-estabelecidos se inserem no dia-a-dia.

É importante também ressaltar que as crianças da Escola realizam uma autoavaliação do seu processo, a cada três meses as crianças são questionadas se já conseguiram chegar nas metas pré-estabelecidas com suas famílias. A educadora Branca reafirma esse ponto na segunda questão quando ao falar que a projeção do cotidiano com o grupo está baseado também nesse alinhamento de expectativas de aprendizagem entre as crianças, as famílias e a escola.

E o que elas aprenderam, para além das metas, é importante nesse processo de autoavaliação, pois é um momento de reflexão e metacognição. Torna visível para a criança onde ela estava no início da jornada e o que ela alcançou até determinado momento.

Uma das grandes pesquisas do grupo imaginativo foi a pesquisa que se tornou documentação sobre os diferentes tipos de escola. A pesquisa surgiu quando as educadoras passaram a observar que as crianças brincavam muito de escola como jogo simbólico. O que despertou mais atenção foi que as escolas das brincadeiras eram diferentes da Escola Casa da Infância, dessa forma a pesquisa e documentação nascem de uma brincadeira das crianças. A educadora Branca na terceira questão afirma que as crianças são vistas protagonistas do seu processo.

De acordo com a educadora Branca na segunda questão os anseios e interesses das crianças, entrelaçados com a BNCC, baseiam os Planos de Possibilidades. As pré figurações presentes nos Planos, de acordo com Branca na sétima questão, revelam hipóteses que as educadoras trazem do que as crianças estão pensando, dessa forma o raciocínio da criança vem em primeiro lugar.

O seguinte subtópico apresenta a relação da documentação com as famílias das crianças do grupo Imaginativo, onde é analisada de que maneira ocorre a participação familiar nas documentações.

6.2 AS DOCUMENTAÇÕES E AS FAMÍLIAS

Esse tópico é dedicado às documentações e suas relações com as famílias, pois a avaliação também serve para que estes estejam cientes e possam participar do processo de construção de conhecimento dos seus filhos. Sendo assim, é significativo observar como essa relação acontece na Casa da Infância.

Na teoria sobre a abordagem de Reggio a participação familiar é fundamental nos processos vividos e isso não é diferente na prática da Escola estudada. A participação da família já é visível desde o principal documento da escola, o Projeto Político Pedagógico, nele há cartas das famílias para escola e a decisão de ampliação da escola para o Ensino Fundamental contou com a participação delas também.

As crianças do grupo devem escolher um tema e realizar uma pesquisa ao longo do ano e apresentá-la no final desse processo. A participação familiar, nesse momento, é fundamental para que junto com os educadores eles possam estimular as crianças em relação a seus questionamentos e produções.

A pesquisa sobre diferentes tipos de escolas, realizada pelo grupo Imaginativo teve grande apoio das famílias. Algumas mães foram participar das assembleias para compartilhar as suas experiências, enquanto estudantes em diferentes escolas. Uma das mães, inclusive, compartilhou o com grupo um caderno de quando era criança aumentando ainda mais as curiosidades e vontades das crianças sobre essa investigação.

Todo mês as crianças pesquisam sobre um país para fazer um almoço, uma mãe do grupo constantemente enviava cartas para as crianças contando o que ela sabia sobre o país do mês. A carta era lida por uma das crianças no momento da assembleia, a leitura dessa carta aparece Caderno de experiência. De acordo com a coordenadora Vermelha na sétima questão o Caderno de experiência é uma documentação individual da criança que é pensada de acordo com o seu interlocutor, nesse caso no primeiro momento são as famílias.

As famílias também fazem parte desse processo quando estabelecem as metas junto com as crianças e os educadores, como explica a educadora Branca na segunda questão. A Escola tem um combinado sobre o Livro de memórias que documenta de forma individual os processos do grupo, o mesmo é atualizando com os processos vividos a cada três meses. O caderno transita entre a escola e a casa das crianças sendo necessário estar na escola no período de atualização. No momento da pesquisa, tinham somente dois livros na escola que foram analisados.

Como os livros de memórias transitam, após o período da pesquisa dois livros de memória retornaram para a escola com cartas das famílias para as crianças, realizei uma rápida leitura em um deles o que me permitiu analisar uma das cartas que é direcionada para a criança. A carta conta pelo ponto de vista da família o desenvolvimento da criança ao longo desse período e aponta o que a criança aprendeu que chamou atenção dos pais.

De acordo com a coordenadora Vermelha na quarta questão, documentação é o exposto dos processos vividos com as crianças na escola. As famílias passam a fazer parte da documentação ao estar presente na escola acompanhando o processo das crianças. Em alguns dos Planos de Possibilidades têm observações referentes a participação de algumas famílias nas assembleias. Como dito anteriormente a sugestão para a escolha do nome do grupo veio de uma das mães do grupo, a família é muito presente no dia-a-dia da escola.

O próximo subtópico interpreta a relação entre as documentações e as educadoras do grupo Imaginativo, analisando de que forma como as documentações são construídas, como as educadoras compreendem a coparticipação.

6.3 AS DOCUMENTAÇÕES E AS EDUCADORAS

Esse tópico estuda as relações que a documentação estabelece com os educadores. Na teoria, a avaliação serve ao professor para que o mesmo possa perceber as indicações sobre sua prática e metodologia, analisei de que forma isso ocorre na documentação.

Ao elaborar uma prova o educador elege o que acredita que a criança deve saber até aquele momento. Ao construir uma documentação o educador percebe o que a criança já construiu e torna isso visível para ela, para além dos aspectos formais. Na sexta questão, quando pergunto a respeito da participação das crianças nas documentações a educadora Branca explica de forma sucinta como realiza essa atividade na prática, ela torna visível para criança o que acredita ser mais significativo enquanto desenvolvimento de sua aprendizagem.

Devemos considerar a formação dos educadores, não que as educadoras da Casa da Infância por utilizar a documentação no lugar de prova possuam mais formação do que outros educadores, mas no sentido de que eles têm a oportunidade

de trabalhar em paridade e essa paridade é formativa porque dessa forma um auxilia e ensina ao outro. A coordenadora vermelha afirma que a coletividade é importante porque cada um possui a sua própria bagagem de conhecimento e alimenta a formação do outro. Trabalhar em coletividade é rico, de acordo com a entrevista com a educadora Verde na nona questão, quando indago sobre a importância do trabalho em paridade, porque traz um novo olhar sobre determinada situação vivida.

Normalmente o educador é um papel muito isolado, enquanto quando a coordenadora Vermelha traz em algumas de suas falas que o processo de documentação da Escola Casa da Infância é partilhado com a coordenação, com outros educadores, com os atelieristas reforça o que a educadora Branca comunica na nona questão de que o saber vem do confronto.

O compartilhamento de experiências constrói aprendizagens, não apenas o compartilhamento com os educadores, mas com as crianças também. Malaguzzi (2016, p.91) afirma que aprender com as crianças é de extrema importância para os educadores.

A coordenadora Vermelha revela na sétima questão que para a documentação o educador deve organizar o contexto para que possa registrar o que as crianças experimentarem e que isso é uma desconstrução do papel tradicional que o professor tem. A partir da fala da coordenadora e da pesquisa teórica fica claro que isso é uma particularidade de Reggio, desconstruir conceitos ou papéis para reconstruir de forma única dentro de sua abordagem.

Na quinta questão a educadora Branca revela que o processo de construção de uma documentação é formador para as crianças e para os próprios educadores porque é necessário que o educador esteja em constante aprendizado, pois nem sempre os temas que despertam o interesse das crianças faz parte do seu repertório enquanto educador. Uma documentação é uma formação para quem produz e para quem lê. Rinaldi (2017, p.134) ressalta essa afirmação quando afirma:

A documentação não apenas se empresta á interpretação; ela própria é interpretação. É uma forma narrativa, uma comunicação tanto intrapessoal quanto interpessoal, porque oferece aos que documentam e aos que leem essa documentação uma oportunidade para aprender e refletir. O leitor pode ser um colega de trabalho, um grupo de colegas, uma criança, varias crianças, pais, qualquer um que tenha participado ou queira participar desse processo. O material documentado é aberto, acessível, utilizável e, portanto, legível. Na realidade, esse não é sempre o caso, e o processo não é automático nem fácil. Uma documentação efetiva requer larga experiência em leitura e escrita documental

A documentação é viva, ela dá espaço para o educador revisitar os seus processos de aprendizagem além de permitir reflexões de outros sujeitos. A documentação desafia o educador a estar sempre em formação, sempre aprendendo com as crianças. Além de um privilégio é um desafio para o educador trabalhar com outros sujeitos, com outros pontos de vista.

Outro fator que as educadoras Verde e Branca trazem algumas vezes em suas falas é a importância da escuta da criança, sem interferência, pois é quando ela revela o seu pensamento investigativo. Verde quando questionada sobre o fundamental para construir uma documentação aponta essa escuta e que a partir dela surgem as documentações.

A educadora Branca afirma que as documentações servem também para localizar onde a criança está para que as educadoras possam construir relacionamentos que vão apoiá-la e proporcionar avanços nos seus saberes.

Na quinta questão quando fala sobre o que seria uma documentação Branca afirma que a documentação é um processo formador para os educadores, pois ela revela muito do olhar desse profissional, do que ele consegue perceber da situação geradora e que por isso é importante a paridade, pois dessa forma deixa de ser somente um olhar.

Vermelha quando questionada sobre a relação da documentação e da avaliação traz uma fala que é fundamental para responder a pergunta dessa pesquisa, ela questiona o por que de se escolher um único momento como uma prova para verificar o que a criança sabe sobre determinado conteúdo quando a criança está todo o tempo demonstrando os seus conhecimentos quando há liberdade para isso, um contexto múltiplo e ocasiões para diálogo e expressão de ideias. A documentação sobre escolas do grupo Imaginativo teve como um de seus pontos de partida o medo que uma criança sentia de realizar provas. Questiono-me enquanto educadora, como um instrumento que causa medo pode ser utilizado como avaliação da aprendizagem.

Pensar que a avaliação serve para localizar onde a criança está ou mostrar o que ela já domina. A documentação se encaixa nisso e ela vai além, porque é holística, ou seja, se preocupa com o todo da criança vai além dos conteúdos, está para o social e o emocional também.

A maior característica da documentação é que ela torna visível para todos os avanços e construções das crianças, o papel do educador nesse momento é fazer

isso acontecer. Para isso os educadores então saem do papel que eles, tradicionalmente, têm como detentores do saber para acompanhar os processos das crianças que são as protagonistas, assim como a escola e a família, e perceber neles os conhecimentos para que possam torna-los visíveis.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu uma reflexão sobre a abordagem pedagógica de Reggio Emilia e suas concepções particularmente com relação a documentação pedagógica. Um olhar diferenciado em relação a educação, uma educação em que as crianças tenham oportunidade de realizar experimentações para desenvolverem autonomia. Compreendemos também a importância de uma avaliação que proporcione a criança conhecimento sobre suas aprendizagens.

Uma visão da criança, enquanto protagonista, do seu processo de aprendizagem, dessa forma potente, cujos direitos são respeitados. Reggio me apresentou as documentações pedagógicas que são o instrumento utilizado na abordagem que torna visível a aprendizagem. As documentações avaliam, mas me questionava de que forma isso acontecia na prática.

Dessa forma, o problema de pesquisa foi compreender como a documentação pedagógica pode ser um instrumento de avaliação potente dentro da abordagem de Reggio Emilia para o primeiro ano do Ensino Fundamental, para isso foi necessário também visitar a prática pedagógica. Por essa razão, a escolha de uma pesquisa qualitativa e uma pesquisa de campo se fez necessária.

Para realizar essa pesquisa, foi observado um grupo do primeiro ano do Ensino Fundamental, realizadas leituras e análises de documentações produzidas pelas educadoras desse grupo e, posterior, entrevistas com as educadoras. É importante lembrar, mais uma vez, que a instituição é particular e não pública, como acontece em Reggio Emilia, temos que levar em consideração os diferentes contextos.

As observações foram registradas nos meses de outubro e novembro, ao longo do ano, em período além do que realizo estágio extracurricular na instituição. As documentações foram analisadas e serviram como base para as entrevistas feitas com três educadoras da escola.

Por meio das entrevistas, que para mim, foram verdadeiras aulas sobre a pedagogia de Reggio Emilia, as educadoras e a coordenadora contribuíram com suas impressões e seus conhecimentos sobre as práticas de Reggio, em especial sobre as documentações.

A pesquisa na Escola Casa da Infância, juntamente com os estudos a respeito da abordagem nos trouxe reflexões. A metodologia da escola é a mesma

percebida na literatura, os princípios, práticas e organização são similares. A escola fomenta nas crianças a independência, busca formar crianças críticas. Mostrando que é possível inserir essa abordagem dentro de uma realidade cultural que se difere tanto da sua origem.

Gardner (2016, p.14) afirma que uma das maiores conquistas de Malaguzzi foi proporcionar uma relação extremamente harmoniosa entre a filosofia progressiva de uma escola e sua prática. Acredito que reforce essa teoria de Gardner o fato de que existem escolas fora do contexto original que vivem essa relação.

Acredito que o objetivo desse trabalho, compreender como a documentação pedagógica pode ser um instrumento de avaliação na abordagem Reggio Emilia para o primeiro ano do Ensino Fundamental, foi cumprido, pois entendo que há avaliações para além da realização de provas. A prática italiana respeita a criança e suas competências diante das cem linguagens e por isso não escolhe um determinado momento para realizar uma prova com intuito de medir os conhecimentos das crianças.

As documentações revelam mais do que uma prova poderia revelar, ela revela as opiniões, os desejos, os encantamentos, os pensamentos e de certa forma a identidade. Além de revelar as construções de conhecimentos, as documentações revelam as práticas de Reggio e dos educadores. Rinaldi (2017, p. 134) atribui a documentação outros significados “A documentação é esse processo; dialético, baseado em laços afetivos, e também poético; não apenas acompanha o processo de construção de conhecimento como, em certo sentido, o fecunda.”

A documentação torna a criança participativa em relação ao seu processo educativo e torna visível, para ela, o seu aprendizado. Além de possibilitar reflexões e conhecimento dos educadores.

Concluo que as documentações pedagógicas são um potente instrumento de avaliativo dentro da abordagem de Reggio Emilia para o primeiro ano do Ensino Fundamental quando elas podem ser construídas a partir de três categorias com as crianças, com as famílias e com os educadores. As crianças precisam ser protagonistas de seu processo de aprendizagem, as famílias devem ser parceiras da escola e as educadoras que trabalham para tornar visível a construção de conhecimento das crianças.

A pesquisa contribuiu para a minha formação acadêmica consideravelmente, pois durante minha graduação não tive conhecimento sobre a abordagem

pedagógica praticada em Reggio Emilia. A vivência da escola permite perceber que existem diferentes formas de construir conhecimento, as crianças explorarem, pesquisarem, brincarem, imaginarem enquanto estão aprendendo. É possível que as crianças aprendam de forma mais leve e fluida, longe do tradicionalismo.

Pessoalmente, fiquei extremamente feliz com o que pude viver na Escola Casa da Infância, me repensei muito enquanto futura pedagoga sobre minha postura em relação às crianças. Enquanto educadora, aprendi a priorizar o desenvolvimento das crianças de forma holística, sem ser conteudista. Compreendi que vou ensinar as crianças e vou aprender muito com elas, que nossa relação será uma parceria.

O que para mim é mais significativo, é a escuta que Reggio propicia para as crianças. É o profissional estar atento ao que a criança expressa em suas múltiplas linguagens sendo oral, gráfica, gestos entre outros, é se entregar para a educação. Sinto que mudei, enquanto pessoa e pedagoga. Agora eu defendo uma pedagogia que valoriza a infância, possuo um referencial profissional do que eu pretendo para o meu futuro.

A pesquisa me inquietou, me encantou, me trouxe confrontos, me realizou. Mostrou-me que é possível que as crianças maiores sigam brincando e aprendendo de forma indissociável e a beleza desse processo. Trouxe-me um novo desejo, viver a experiência de Reggio Emilia em seu berço, conhecer a cidade em que a escola que vi na prática é pública. Conhecer a cidade que valoriza a educação de crianças pequenas, de visualizar como ocorre a experimentação com as crianças maiores lá.

Concluo essa pesquisa, apresentando uma experiência que me senti representada pelo modo de construir educação, mas, vale ressaltar que, não findo aqui os meus estudos sobre essa abordagem. Foi um grande desafio e uma grande oportunidade viver esse campo incrível, com crianças mais incríveis ainda. É lindo perceber que há famílias e educadores que acreditam e defendem uma educação que valoriza as múltiplas linguagens de cada criança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de. MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes. A documentação pedagógica na abordagem italiana: apontamentos a partir de pesquisa bibliográfica. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.12, n.36, p. 441-458, maio/ago. 2012

_____. A Documentação Pedagógica como instrumento de formação profissional. **Educ. Foco**, Juiz de Fora, v. 20, n. 3, p. 269-288, nov. 2015/ fev. 2016

ARAUJO, Raisa Bela Gomes de. **As práticas pedagógicas do professor na abordagem de Reggio Emilia para a Educação Infantil**. Salvador, f. 140, 2018 TCC (Faculdade de Educação - Pedagogia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.

ARCURI, Priscila Abel. **A participação é um convite e a escuta um desafio**: Estudo sobre a participação e escuta de crianças em contextos educativos diversos. São Paulo, 2017. 89 p Dissertação (Faculdade de Educação) - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

BARACHO, Nayara Vicari de Paiva . **A documentação na abordagem de Reggio Emilia para a Educação Infantil e suas contribuições para as praticas pedagógicas** : Um olhar e as possibilidades em um contexto brasileiro.São Paulo, 2011. 234 p Dissertação (Faculdade de Educação) - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994. 335 p.

CENTRO DE CULTURA E CONHECIMENTO. **Projeto Político Pedagógico – Crianças, famílias, educadores, cultura, conhecimento e vida bem vivida – do local ao global**. Salvador. 2016

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella ; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução Deyse Batista. Porto Alegre: Penso, 2016. 295 p.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. FREITAS, Luiz Carlos de. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. – 7 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2016. 200 p.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e Educação Infantil: Um Olhar Sensível e Reflexivo Sobre A Criança**. Editora Mediação. 20ª Ed. 2015

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**. 2ª ed., Salvador/BA: Malabares Comunicação e Eventos, 2005.

MARAFON, Danielle. MENEZES, Ana Claudia, Menezes. **A abordagem de Reggio Emilia para aprendizagem na educação infantil**. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13. 2017, Curitiba. Anais

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes. **A Construção de Práticas de Registro e Documentação no Cotidiano do Trabalho Pedagógico da Educação Infantil**. Tese apresentada a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Educação.

PROJECT ZERO. **Tornando visível a aprendizagem**: Crianças que aprendem individualmente e em grupo. Tradução Thais Helena Bonini. São Paulo: Phorte, 2014. 326 p.

PRÁTICA Educacional Reggio Emilia: Marília Dourado. Direção de Phortetv. Phorte, 2014 (26:32). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8lwr-R3PLTE>>. Acesso em: 18 out. 2018.

RINALDI, Carla. **Dialogos com Reggio Emilia**: Escutar, investigar e aprender. Tradução Vania Curry. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2017. 397 p.

VILLAS BOAS, Maria de Freitas. **Pedagogia**: A avaliação na escola. Brasília : Universidade de Brasília, 2007. 77 p.

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA CASA DA INFÂNCIA.

1. Qual a sua formação? E há quanto tempo você Trabalha na Escola Casa da Infância?
2. Quais suas impressões sobre a pedagogia de Reggio?
3. Você já teve a oportunidade de ir até a Itália conhecer as escolas municipais de Reggio? Se sim, de que forma impactou no seu trabalho enquanto coordenadora? Lá há os *pedagogistas* e não coordenador como você vê essa relação entre os *pedagogistas* e os coordenadores?
4. Para você o que seria uma documentação? Qual a relação dela com a avaliação na escola?
5. Como coordenadora, de que maneira você apoia o trabalho dos educadores?
6. Enquanto coordenadora, você produz documentação?
7. Há algo mais que você deseje falar sobre a documentação nessa escola?
8. As crianças participam das documentações?

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM AS EDUCADORAS DO GRUPO DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA CASA DA INFÂNCIA?

1. Qual a sua formação? E há quanto tempo você trabalha na Escola Casa da Infância?
2. Como é o seu cotidiano com as crianças do Ensino Fundamental?
3. Quais suas impressões sobre a pedagogia de Reggio?
4. Você já teve a oportunidade de ir até a Itália conhecer as escolas de municipais Reggio? Se sim, de que forma impactou no seu trabalho enquanto educadora?
5. Para você o que seria uma documentação? Qual a relação dela com a avaliação na escola?
6. O que você considera como fundamental para construir uma documentação? Como é realizada a documentação? As crianças participam desse processo, de que forma?
7. Na projeção existem os questionamentos da pré-figuração, como elas surgem, elas são respondidas e de que forma, essas respostas são documentadas?
8. Quais instrumentos são utilizados na construção de uma documentação?
9. No Ensino Fundamental você trabalha em paridade, qual importância você atribui a isso? No Ensino Fundamental no currículo da escola está posto algumas linguagens como música, artes e inglês como ocorre a relação com esses educadores? Eles constroem documentação junto com as educadoras de referência?
10. Toda pesquisa gera documentação? Como é feita a seleção do que se torna documentação?